

Mulheres Negras:

FORTALEZAS
TECIDAS DE
DORES, RESISTÊNCIAS E AFETOS
VOL. 2

Organizadora:
Piedade Lino Videira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborada por Maria do Carmo Lima Marques – CRB-2/989

M956m

Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos, volume. 2 /
organizadora: Piedade Lino Videira. Macapá-AP: UNIFAP, 2025.
82 p.:il.

1 Recurso eletrônico [E-book]. 82 p.

ISBN:978-85-5476-099-1

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Negras – Identidade racial – Amapá. 2. Raça negra -Integração. 3. Mulheres
negras-encantarias. I. Videira, Piedade Lino, organizadora. II. Universidade Federal
do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 305.89608116

**Às Mulheres Negras amapaenses, e
àquelas centenas e milhares de outras
espalhadas pelo mundo afora.**



APRESENTAÇÃO

MULHERES NEGRAS: FORTALEZAS TECIDAS DE DORES,
RESISTÊNCIAS E AFETOS (VOLUME II)



A cor que veste meu corpo negro, é negra.

Negra como o brilho reluzente da noite e aurora dançada no orvalho do dia nas rodas de Batuque e Marabaixo.

Hei!

Tu que não sabes quem és, que te dizes não negro, que ataca tuas parentas negras. Cutuca-tu teu passado, tuas origens ancestrais em África e no Amapá.

Aproveita e olha para dentro de ti e no (re)virar da tua história perdida, irás te encontrar e me encontrar. Sim, irás me encontrar.

Eu não sou mais aquela negrinha de ganho, ama de leite, e "escrava de tudo" na senzala e na cozinha da Casa Grande de tempos idos...

Meu Povo lutou e Eu conquistei o direito de ser senhora de mim. Represento o triunfar negro em forma de Mulher Negra bem sucedida, doutora de formação académica, intelectual negra, escritora/imortal, artista, gente da gente, culturalmente dançadeira/herdeira de nossas raízes negras que sambando na vida, construiu uma trajetória pessoal e profissional digna de admiração e respeito por onde passou.

Sei o quanto a ti é perturbador me olhar e, na tua visão "desfocada" da realidade, já que há muito eras miope, como toda Nação verde/amarela e, jaz, és cego pela ideologia racista, encontrardes a mim, Mulher Negra que irrompi a repetição histórica de muitas de minhas iguais. E, hoje,

com alteridade, capacidade e inteligência incontestável, maturidade política, amabilidade, generosidade consigo transitar para além das correntes da imbecilidade, dos preconceitos e discriminações que atravessam a pequenez de alguns "ser -moventes" como reprisar da vergonhosa história do nosso Brasil racista, que em tuas malfadadas-balbuciações, cuspidas no destempero de seu desequilíbrio psicoemocional eivado da doença racista, tentam atacar a todas e todos nós Filhas/os do Amapá e comunidade unifapeana, escolhendo como alvo preferencial, a minha COR, sentido político da minha identidade negra. Logo, inalcançável por palavras insanas de cunho racista.

Alhures a Cor dos nossos antepassados europeus, asiáticos, indígenas e negros-, os dois últimos que muitos tentam esconder/negar, é a mesma Cor que devia significar o elo mais umbilical entre o nosso passado histórico e os desafios que estão colocados no presente, para que todas e todos sejamos consideradas/os cidadãs e cidadãos de igual quilate.

Eu, ainda careço te dizer, que a pele negra que veste meu corpo-negro não deve te incomodar, nem tampouco raivecer. Tu e Eu somos irmãos na diversidade da nossa condição humana.

Quero que saibas, por isso reitero, que não és dotado de faulhas de (mal) ditas – palavras, evidentemente insanas, que sejam capazes de me alcançar.

Ides saber que a minha COR representa o sentido político/ afirmativo do meu empoderamento feminino e orgulho negro de ser quem sou.

A ti ainda considero oportuno dizer:

"Enquanto o couro do chicote cortava a carne

A dor metabolizada fortificava o caráter

A colônia produziu muito mais que cativos



Fez heroínas que para não gerar escravos, matavam os filhos
Não fomos vencidas pela anulação social
Sobrevivemos à ausência na novela, [nas universidades], e no comercial.
O sistema pode até me transformar em empregada
Mas não pode me fazer raciocinar como criada".

Trecho da Música "MULHERES NEGRAS" interpretada pela cantora Yzali.

Vide música abaixo.

Portanto, Eu, Dra. Piedade Lino Videira, macapaense, laquinhense, Mulher Negra, dançadeira de Marabaixo e Batuque, Rainha da Bateria Majestosa Pura Cadência do Grêmio Recreativo Escola de Samba Piratas da Batucada (o Piratão), escritora e membro da Academia Amapaense de Letras, filha de pais não alfabetizados, egressa e professora na Unifap, coloco o meu nome e a minha história de vida à disposição da comunidade unifapeana nestas eleições para a reitoria da Unifap.

Vote Chapa 40.

Texto de autoria, Profa. Dra. Piedade Lino Videira em resposta a ato racista relatado pelo sociólogo Dr. Fernando Canto (in memoriam) por ocasião das eleições para a reitoria da Universidade Federal do Amapá, conforme descrição a seguir:

Chapa 40 – UnificAção

UNIR PARA CONSTRUIR

Eleição Reitoria da Unifap, quadriênio 2018-2022

Candidatos: Profa. Dra. Piedade Lino Videira (Reitora)

Prof. Dr. Lúcio André Viana Dias (Vice-reitor)

Macapá-Amapá-Amazônia



Apresentação

Ah, o tempo! O tempo em movimento que tudo guarda, ajudado pela memória – baú de recordações – é aquele que me ajuda a reunir fragmentos das vivências e experiências pessoais e profissionais que ressoam em mim a cada nova fase da minha vida.

Ah, o tempo! O tempo passou, passou e muito. E já se passaram cinco anos desde o lançamento da primeira edição do livro intitulado: **Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos** publicado no ano de 2019, em formato de e-book, pela editora da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Desde então, do tempo que o primeiro livro foi lançado, é notória sua relevante contribuição para o processo de implementação da Lei n.10.639/2003 que alterou o Artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDEBEN, Lei n. 9.394/1996, há exatos vinte e dois anos, recém completados, no dia 09 de janeiro do corrente ano.

No transcurso do tempo que compreende a publicação e a socialização do livro com o professorado do estado do Amapá, e também com colegas professores orientadores que atuam na graduação e em diversos programas de pós-graduação pelo país, nos quais a temática e a problemática étnico-racial são abordadas e debatidas com profundidade, seriedade, criticidade e responsabilidade à luz do cabedal teórico-

conceitual que fundamentam e qualificam as nossas pesquisas e intervenções didático-pedagógicas no campo das relações étnico-raciais, como também nas ações de combate ao racismo e em prol da implementação da educação antirracista no conjunto das instituições de ensino da rede pública e privada, de norte a sul do nosso País, o livro ***Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*** tem dado significativa contribuição.

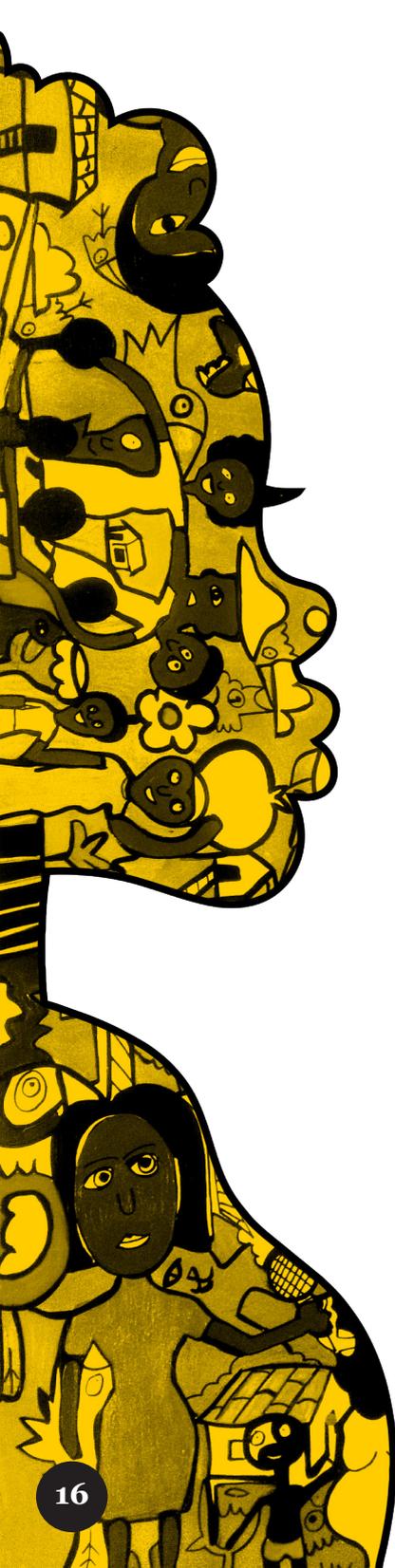
Por certo, o tempo segue sendo o maestro da sinfonia didático-pedagógico que me arvorou a musicar, dançar, me expressar, tecer, construir, reconstruir, trilhar e partilhar de maneira dialógica e dialética com discentes e docentes, por meio de saberes e fazeres, no decorrer da missão docente que vem se/me fazendo no curso de pedagogia da Unifap, como também no decurso do meu contínuo e desafiador processo de formação que é tecido em diálogo com as turmas regulares, assim como com as turmas do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), quando desta última, eu ministrei a disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, na qual propus e vi germinar a inspiração didática que aprendi com a profa. Dra. Joselina da Silva, no ano de 2016, por ocasião da realização da VI edição do evento acadêmico intitulado: Memórias de Baobá, Estéticas Negras: trançando educação e produção didática, idealizado pelo Núcleo de Africanidades Cearenses, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Sandra Haideé Petit, realizado no Passeio Público de Fortaleza e nas dependências da Faculdade de Educação/FACED-UFC. Daquele tempo me veio a motivação para a produção dos textos poéticos presentes

nesta segunda edição do livro intitulado: ***Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos***.

O tempo – que é o senhor de tudo –, que o é também o momento presente, faz-se necessário e oportuno para celebrar, homenagear, reconhecer e publicizar o relevante legado de vida deixado para nós como “herança preciosa” da parte de Mulheres Negras de perto da gente – do nosso convívio – e que mesmo sendo Elas dignas de reconhecimento, respeito e valorização, os discentes/professores em formação continuada no Parfor, precisaram ser despertados para a relevância dos nobres feitos dessas mulheres, as quais eram anônimas, mesmo sendo tão íntimas de todos eles e atuantes em suas comunidades.

O tempo, que para mim é oportunidade de enriquecer-me no pleno exercício do meu trabalho docente. Graças a Ele, o tempo, tenho feito empenho de exercitar a docência criativa, com ousadia, itinerante, com responsabilidade, com competência, com dedicação e amor pela minha profissão e pelos discentes que me atravessaram e atravessam à vida ao longo de onze anos de minha atuação como professora na Unifap, após eu ter sido transferida da Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba.

Por esta razão, adotei a pedagogia em movimento, como guia e inspiração, por meio da qual a sala de aula (passa a envolver e a considerar a cidade de Macapá e o estado do Amapá, como um todo), pois os considero férteis locais de encontro entre pessoas, de (re)união de expressões culturais/religiosas, de acesso ao conhecimento de vida, artístico e estético, e



acadêmico-científico, produzido pelo conjunto dos povos e pela nossa gente.

Considero ainda a nossa cidade e estado, locais de acesso a vivências, leituras e estudos importantes para a construção de reflexões críticas, dialéticas, dialógicas e afetivas visando o bem-comum. O transcurso do tempo, nos diz ser a cidade de Macapá e o estado do Amapá – dois grandes palcos – onde se cristalizam os conflitos que vêm a ser a matéria-prima da qual precisamos para a realização da nossa análise sociológica, personificada por dentro do plural e diversificado tecido social da nossa gente, que forma o nosso povo.

O tempo ensinou-me a reconhecer esse conjunto de conhecimentos brotados de/nas experiências humanas, dos quais me valho para “abrir fissuras nas redomas curriculares”, dentro e fora do espaço acadêmico, pois para mim os vejo como oportunidades estratégicas de “transgredir”, “burlar”, “alterar” à cousa da prevalência de um currículo legitimado e oficializado (competente em excluir) as diversas realidades humanas e seus conflitos e potencialidades dos cotidianos das escolas.

E o faço no afã de despertar consciências, de propor diálogos, de descortinar racismos, preconceitos e discriminações, de agir no tocante aos dissensos e de construir consensos em prol da elaboração de recursos didáticos que sejam capazes de oportunizar aos discentes vivenciar uma experiência escolar, acadêmico-científica que seja preche de trocas, partilhas, escuta sensível, construção coletiva e dialética de relações interpessoais saudáveis, afetivas e fraternas entre pessoas

absolutamente diferentes. O conhecimento humano que habita em cada um de nós na condição de sujeito histórico, heterogêneo e plural nos dá a oportunidade de aprender e apreender toda a fagulha de conhecimentos que nos forem ofertados e disponibilizados dentro e fora das escolas formais.

Costumo repetir – dia sim e no outro também – sempre que estou em contato com os meus orientandos, que o combate ao racismo deve ser a nossa tarefa diária, independente da cor que veste o nosso corpo físico, e que a educação antirracista é o antídoto desenvolvido pelo Movimento Negro Educador brasileiro para tratar e curar-nos deste mal. Mas, para tanto, é preciso vestir as palavras com identidades, cotidianos, experiências, modos de vida, práticas culturais/religiosas, bem como temperar com sabores, essências e defumar com cheiros, aromas de “gente”, da gente que vive e tem suas singularidades negadas, por vezes enviesadas, e quase sempre desconsideradas na “grade curricular” que orienta a atuação didática da gestão, do corpo técnico pedagógico, do professorado e que tem rebatimento nas atitudes e nos comportamentos dos sujeitos em idade escolar. Quaisquer formas de racismo, preconceito e discriminação são inaceitáveis. Contudo na realidade brasileira nós somos obrigados a testemunhar a prevalência de inúmeras violências que têm como alvo preferencial pessoas negras e suas culturas ancestrais e religiosidades, as quais acabam sendo deturpadas, por pura incompreensão (ignorância gerada pelo fato de não saber) de parcela significativa da população, por esta razão, torna-se urgente e de ação imediata, que finalmente a legislação antirracista, nascida através da Lei n. 10.639/03,

seja efetivada em nosso País e estado, depois de vinte e dois anos de sua aprovação.

O tempo do presente requer de nós, educadores antirracistas (negros e não negros), ação pedagógica propositiva, que possa promover o aprendizado das africanidades como conteúdo escolar importante e necessário para a formação integral e racial dos estudantes no conjunto das escolas brasileiras. A publicação do segundo volume do livro ***Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*** é parte significativa da nossa relevante contribuição.

Depois de tanto dizer, desejo a todas as pessoas que se permitirem degustar, um a um dos textos poéticos presentes nestelivro, momentos preciosos – emocionado e emocionantes – de aprendizados acerca da genialidade, força, coragem, luta, garra, fé, espiritualidade, superação e relevância, presentes (com nome e sobrenome) em exemplos da grandiosidade de Mulheres Negras da Amazônia Amapaense e de outras paragens pelo mundo a fora. Que essas Mulheres Negras vos inspirem!

Ah, o tempo...

Macapá - Estado do Amapá, fevereiro de 2025

Profa. Piedade Lino Videira
Doutora em Educação Brasileira pela FAGED-UFC
Professora Associada –UNIFAP

“O meu texto é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”

Conceição Evaristo - Escritora e poeta



Sumário

Apresentação.....13

Prefácio.....25

Introdução.....33

CAPITULO 1 - EXISTE SIM SUPER HEROÍNAS E ELAS SÃO PRETAS.....61

Mulheres Guerreiras - Alexandra dos Santos.....64

Mulheres negras, exemplos de vida - Alexandra Silva da Costa.....65

Três mulheres Super-Poderosas - Biata Gama Dias.....68

Três negras do Estado do Amapá - Edleia Valeska Barbosa.....71

Mulheres negras, vitórias e conquista - Fredson Martins do Carmo.....76

Mulher de raiz africana - Gilmara Leite da Costa.....82

As mais belas negras - Hérika Valente Azevedo.....84

CAPITULO 2 - MULHERES NEGRAS: VITÓRIAS E CONQUISTAS.....89

Memórias de Vidas Negras - Ieila de Souza.....93

Mulheres negras rainhas - Ísis M. S. Pureza.....96

Mulheres negras - Joelda Ferreira de Moraes.....100

História de mulheres negras que inspiram - Josué Ferreira da Silva.....103

Mulheres negras ilustres do estado do Amapá - Luiz Carlos de Castro de Souza.....105

Cidadãs negras brasileiras - Márcio Lenno Figueiredo Nunes.....108

CAPITULO 3 - MULHERES NEGRAS: SENHORAS DAS ENCANTARIAS.....115

Exemplo de mulheres negras - Raimundo Borges da Cruz.....119

Mulheres negras de garra e vigor - Rejane Brito Corrêa.....121

Negra guerreira - Roseane Alcântara de Deus.....125

Plantando e colhendo com mulheres negras - Rosiane Dias de Castro.....129

Mulheres negras poderosas - Rosidalva Silva e Silva.....133

Poetizando a vida de mulheres negras - Sarah Barbosa da Silva Amaral Nunes.....136

REFERÊNCIAS.....141

SOBRE A EQUIPE DE PRODUÇÃO DA OBRA.....149



PREFÁCIO
Julieta M. Langa



Prefácio

Quando duas colegas da Universidade Eduardo Mondlane me propuseram que escrevesse o prefácio da presente publicação, sendo eu linguista, a minha primeira reacção foi remetê-las a outras colegas que se dedicam a especialidades da área da Literatura. Insistiram, dando-me algumas explicações sobre a natureza e o contexto em que a mesma foi produzida e a importância que teria, tanto no seio da comunidade intelectual moçambicana, como para o largo público. Aceitei o desafio, dado o meu interesse em questões de mulheres, numa perspectiva mais de activismo socio-político e cultural e menos académica.

Depois de percorrer esta colectânea da primeira à última página, detive-me a reflectir sobre como o professor pode usar a sua função de maneira inovadora, criando, mas também aproveitando os múltiplos espaços que emergem do processo didáctico-pedagógico para alcançar objectivos mais amplos, além dos meros conteúdos escolares, produzindo mais conhecimento da história e cultura, abrindo caminhos para melhor compreensão da realidade socio-económica, informando e contribuindo para melhor afirmação dos membros de comunidades específicas, em especial dos jovens.

Nos textos seleccionados, sejam eles poemas, do ponto de vista estrutural, sejam eles prosaicos (que são muitíssimo pouco), as autoras e os autores enaltecem e homenageiam a figura da mulher negra, da mulher de raiz africana. Não o fazem de



maneira abstracta, não o fazem pretendendo estar de acordo com o discurso moderno da construção social de “género”. Expressam sim, e transmitem ao leitor com franqueza e admiração os seus pontos de vista, o seu olhar e sentir objectivo e emocional sobre cada uma das mulheres eleitas que conheceram ou ouviram falar na família, na comunidade, na escola, ou através da mídia, pelo valor e marcas das suas vivências, influências e intervenção nas esferas familiar, comunitária, social, artística, curativa, académica e na esfera pública, em geral, e como exemplos e modelos de vida, em particular.

É digno de se mencionar que contabilizei dezoito títulos (?), sob os quais os organizadores agruparam determinado número de textos, sendo cinco “sem título”, ilustrando ambientes e ocupações diversificados. Todas as mulheres negras homenageadas são tratadas pelo nome, idade e outras características importantes e necessárias, o que lhes dá a individualidade merecida. Existem muitas mulheres negras globalmente famosas que fizeram história no mundo e nos orgulham a todas pelas posições que ocuparam e a maneira como exerceram a sua função social. No seu poema, Sarah Barbosa (p.59) refere-se a Michele Obama, antiga Primeira Dama dos Estados Unidos da América, à cantora e compositora americana, Donna Summer e à cantora também americana, Whitney Houston. A homenagem e referência à professora Piedade Lino Videira, um pouco por toda a colectânea, mas claramente notável em *Mulheres Exemplos de Vida*; *Mulheres Negras Super-poderosas*; *A Mulheres Negras: Vitórias e Conquistas*; *As Mais Belas Mulheres*

Negras, Minha Homenagem; *Negra Guerreira*; entre outros, não deixará dúvida que os seus alunos e formandos produtores destes textos de elevado valor estético e literário, aprenderam uma dimensão nova da escola, graças ao processo pedagógico muito peculiar em que estiveram mergulhados. A professora Piedade representa, efectivamente, a escola, como também simboliza a coragem, luta, afirmação rática e social, competência científica e compromisso para com a igualdade e harmonia social.

É um mérito do processo do qual desabrochou o produto agora em nossas mãos percebermos através de uma das formandas, Gilmara Leite (P.20), que este foi um percurso de aprendizagem orientado para a redescoberta da História, da beleza e luta da mulher negra; de construção identitária e da consciência do eu, emanando de um mundo de extrema discriminação racial, onde ao negro nada é reconhecido, e à mulher negra tudo é negado. É neste mundo onde, afinal, a mulher negra sobreviveu, acabando por se impor como peça fundamental e fonte de inspiração, não só para a sua própria emancipação, mas igualmente das mulheres negras do mundo inteiro e por uma democracia racial real e justa.

Há um facto curioso no destaque que esta publicação dá, tocando mulheres cujas idades se situam entre 70 e 100 anos de idade, denunciando uma ligação ainda fresca com a escravizadatura. Sendo negras, delas se relata como denominador comum, terem tido muitos filhos (8, 10, 11, 13) e cedo, criados com muitas dificuldades e, em quase todos os casos, tornaram-se homens e mulheres de respeito, honraram o sacrifício destas mães que, regra geral, também enviuvaram cedo. Relata-se

que as mulheres negras retratadas nesta publicação herdaram os conhecimentos de artes e tradições africanas de suas mães. No conjunto, fica claro que não tiveram acesso à escola formal, mas que esta não é a única determinante do acesso ao conhecimento e à cidadania. São estas cidadãs negras que enriquecem o acervo de conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração sobre a medicina tradicional africana, plantas medicinais e curativas, práticas culturais e rituais mágico-religiosos de matriz africana de que são guardiãs.

Às mulheres acadêmicas do Brasil que tiveram a iniciativa de projectar a oficina da qual resultou esta publicação, vai o meu profundo reconhecimento pela coragem de desafiar e trazer à tona uma temática e uma realidade que vai revolucionar outras academias, porquanto as mães, as filhas, avós, professoras, cantoras, bailarinas e muitas outras mulheres e comunidades anónimas existem e permanecem esquecidas. Precisamos de professoras e professores comprometidos em transformar a ciência num instrumento de emancipação, justiça e democracia. Precisamos, sobretudo, de cooperar e trocar experiências sobre as realidades em que vivemos e sobre as estratégias de partilha e multiplicação de boas práticas pedagógicas em benefício das comunidades. Para trilharmos caminhos seguros em direcção ao futuro, precisamos de saber onde estamos e de onde viemos!

Julieta M. Langa
Professora Associada do Departamento de Linguística e Literatura na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, na Cidade de Maputo, Moçambique

Em respeito e agradecimento pela colaboração da professora Julieta M. Langa, optamos por deixar o texto de sua autora na versão da língua portuguesa falada em Moçambique, ao mesmo tempo em que expressamos nossa admiração e apoio às identidades luso-africanas.





INTRODUÇÃO
MULHERES NEGRAS AMAZÔNIDAS:
HISTÓRIAS CONTADAS POR OUTROS OLHARES

Maria das Dores do Rosário Almeida, amapaense, com raízes na comunidade tradicional, negra e ribeirinha da Vila do Carmo do Macacoari e no antigo bairro do Formigueiro, no centro de Macapá. Filha de Luiza do Rosário Almeida e Lourenço Tavares de Almeida. Sou escritora, autora do livro *A promessa que virou a Festa de São Sebastião do Carmo do Macacoari*; pesquisadora de origem comunitária; militante do Movimento de Mulheres Negras Brasileira (AMNB); cofundadora do Instituto de Mulheres Negras do Amapá (Imena) e da Rede Fulanas – Negras da Amazônia Brasileira (NAB); mestra em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais pela Universidade de Brasília (UnB); especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Faculdade Atual; licenciada e bacharela em Economia Doméstica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); integrante do Grupo de Pesquisa Estudos e Práticas Dialógicas no Contexto de Povos e Territórios Tradicionais (Cauim/MESPT); colaboradora do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Amapá; e filiada à Associação Literária do Estado do Amapá (Alieap).



Introdução

A inquietude sobre a ausência das mulheres negras amazônidas, ou que quase nada se sabe sobre elas, vem ganhando espaço nos debates acadêmicos entre pesquisadoras negras amazônidas. A psicóloga ativista do movimento de mulheres negras amazônidas e pesquisadora, Flávia Danielle da Silva Câmara, em sua dissertação de mestrado “Mulheres negras amazônidas frente à cidade Morena: O lugar da psicologia, os territórios de resistência” (2017), tece sua narrativa falando das ausências das mulheres negras amazônidas: na historiografia tradicional Amazônica, em sua configuração social e, em seus diferentes períodos econômicos, dessa região. Do mesmo modo que, no livro *Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*, a autora procura desconstruir essas ausências, buscando compreender como mulheres negras constroem negritudes na Amazônia.

Assim, o presente artigo tem por objetivo trazer reflexões à luz trajetórias de vida de mulheres negras amazônidas¹ — invisibilizadas na historiografia e epistemologia brasileira e nortista — que foram ressurgidas por pensamentos envoltos em temas como admiração, saudade, reconhecimento e amor, além do intermédio da escrita instigante de professoras e professores egressos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor), do curso de

Texto publicado na Revista Ártemis, vol. XXXII nº 1; jul-dez, 2021. pp. 255-273

Pedagogia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), os quais militam na educação pública oferecida aos estudantes residentes em comunidades e distritos que fazem parte da heterogênea geografia dos municípios amapaenses e também das ilhas do estado do Pará, na região Norte.

As narrativas reunidas em Videira, Ferreira e Fonsêca (2010) dão materialidade analítica aos conceitos-chave mulher negra amazônica (Almeida, 2018; Câmara, 2017), mulher negra (Evaristo, 2017), gênero (Conrado, 2012) e raça/cor (Davis, 2016), que versam pelo conjunto da obra ***Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos***, conferindo-lhe relevância acadêmico-científica e identidade racial e agregando-lhe valor cultural, em consonância com os princípios da epistemologia negra calcada na ancestralidade, isto é, na memória e na história, na tradição oral, nos comunitarismos, nas experiências espirituais e nas territorialidades — espaços de experiências, de solidariedades, de sabedorias. Isso pode ser percebido pelos (as) leitores (as) do referido livro, como no fragmento poético a seguir.

Maria, que vive entre o pau-da-paciência e a medicina da cura pela fé e ervas medicinais. Vive entre ruas de pedras e chaminés feitas de cimento de açúcar, misturado com o suor escravista da negritude de uma época de odores vencidos, pela luta. Isso tudo sem endurecer a ternura de seus olhos, vistos nas noites de tambores, com suas saias rodadas se transportando em um outro universo oceânico e arboreal, visto e vivido somente por quem tem coragem de sonhar com a liberdade (Silva, 2019, p. 45).

É relevante enfatizar que a referida obra dá pistas de como é possível implementar a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de

2003, ampliada pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, as quais alteraram o art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBEN), de maneira eficaz no “chão das escolas”, como asseverou Trindade (2010), mediante abordagem qualificada acerca da problemática racial com o recorte de gênero e raça/cor, no intuito de suscitar o respeito mútuo, a autovalorização, a consciência étnico-racial e a promoção da cidadania coletiva — prática do bem-viver — de estudantes negras e não negras no ambiente escolar, como conteúdo de um currículo intercultural que irá prepará-las para a vida e o mundo do trabalho na complexa, racista, desigual e conservadora sociedade brasileira.

A produção deste texto foi motivada pela escritura da apresentação sobre a relevante obra já citada anteriormente ***Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*** (Câmara, 2017), ensejando uma discussão mais direcionada ao campo de estudo envolvendo as categorias historicamente discutidas como: mulher negra, gênero, raça/cor, classe, entre outras no contexto da Lei nº 10.639/2003, com objetivo de elucidar que, há diferenças entre mulheres, o fato de ser mulher, não garante acesso a direitos iguais, inclusive o direito de fala e de ser vista. Entretanto, independentemente da cor, da classe social, da situação econômica e de sua situação educacional, ela não deixa de ser mulher.

A classe social e a questão racial são os principais parâmetros



para aferir as desigualdades sociais e raciais de gênero, entre homens e mulheres e entre mulheres no mundo. Logo, o conceito “mulher”, não dá conta de expressar a diversidade de mulheres brasileiras, por exemplo, as mulheres negras. Da mesma maneira que, a categoria mulher negra, não dá conta de expressar a realidade das diferentes mulheres negras brasileiras, entre elas, as amazônidas.

As categorias gênero e raça, por serem categorias colônias, ao serem transversalizadas com a categoria mulher negra, estas, quando vistas, aparecem normalmente em situação de inferioridade, não de insubmissas. À vista disso, neste artigo, em vez de, utilizar-se gênero, utiliza-se mulher negra; ao invés de raça, ancestralidade, por ser uma categoria elucidativa que sustenta a identidade da mulher negra em sua travessia de vida.

Esse livro, cujo título sinaliza seu ineditismo no estado do Amapá, nasceu no ambiente acadêmico, pelas mãos de professoras (as) da educação básica de escolas públicas do estado do Amapá 2, durante a ministração da disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, do Parfor, do curso de Pedagogia da UNIFAP. Esse livro sinaliza, também, a importância da inserção da Lei nº 10.639/2003 na Matriz Curricular dos cursos de licenciatura e, na formação inicial de professoras das referidas áreas, além de cursos de especialização específica ao tema.

Ressaltamos ainda que, o livro é uma coletânea de textos

poéticos, elaborados com linguagem científica e de fácil compreensão e, portanto, acessível tanto à escrita pelas autoras e pelos autores — professores(as) da rede pública — quanto aos(as) leitores(as) da obra, que, ao manuseá-la, se sentem absortos e sensibilizados pelas diversificadas narrativas realísticas de cunho poético, sobre a biografia de mulheres negras amazônidas que enfrentaram durante suas vidas, grandes provações, desafios e injustiças sociorraciais à custa de muita luta, dores, resiliência, sonhos, amor e vontade de transformar suas realidades sociais, comunitárias, educacionais e raciais. Por esses e tantos outros motivos, tais mulheres negras marcaram épocas, seus familiares, amigos e suas comunidades, e, lamentavelmente, muitas delas sequer tiveram e têm reconhecidos seus feitos e objetivada sua importância na historiografia da Amazônia amapaense, como pode ser observado no relato a seguir.

Descendente da tribo Bantu, Francisca Luzia da Silva, na cidade de Macapá, capital do Amapá, em 1854. Com a mãe, aprendeu a “pegar as crianças,” o que significa fazer partos, e por esta arte, era uma mulher muito querida na Região Amazônica. Por atuar de maneira incansável na comunidade, foi contratada oficialmente pela Prefeitura Municipal de Macapá e recebia uma quantia módica pelos seus serviços. Como assistia a maioria dos partos da cidade, foi reconhecida pela população como “Mãe Luzia”. Para complementar o serviço de parteira, levava e passava a roupa da gente rica. A casa Mãe Luzia era em barro socado, no Beco do Formigueiro, e era visitada por autoridades estaduais, que a procuravam para ouvir histórias da Região (Silva, 2019, p. 88, grifo das autoras).

Essa constatação agrega ainda mais valor e reconhecimento epistêmico, ao trazer à luz trajetórias de vida e saberes de

mulheres negras amazônidas, à obra que figura como uma relevante contribuição à educação brasileira, por sinalizar um caminho fecundo no desafio de dar materialidade às Leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008.

A coletânea evidencia que é possível promover a implementação das mencionadas leis à luz das categorias gênero e raça/cor, por intermédio de narrativas evocadas por professores(as) e estudantes que militam na educação escolar.

Diante do exposto, este artigo formula a seguinte questão norteadora: como reescrever a história das mulheres negras amazônidas por outros meios no contexto da sala de aula, mediante desafios e limitações para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003?

É mister que o livro *Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos* aponta para um caminho profícuo, na busca de tornar exequível a mencionada lei no currículo e no cotidiano escolar, utilizando-se de criativo e inventivo recurso didático-metodológico, referendado, no decurso deste artigo, pela *Pedagogia das Canoas: encontro de experiências*, idealizada por Almeida (2018), como um conceito que expressasse o percurso metodológico da dissertação de mestrado, “(Re)construindo caminhos e histórias de vidas de mulheres negras da Vila do Carmo do Macacoari – Amapá”, com base na experiência das interlocutoras da pesquisa³.

Logo, essa pedagogia segue uma especificidade, ou seja, a simbologia do maior rio do mundo em volume d’água, o

Amazonas, e seus afluentes, como os rios Jari, Pedreira e Macacoari, no estado do Amapá. Esse último, localizado na região de Itauba, é um rio principal, por onde navegam muitas canoas, transportando e sendo guiadas por mulheres negras que figuram como protagonistas na trama metodológica intitulada *Pedagogia das Canoas*.

Busca-se, assim, uma proposta de narrativa histórica, trazendo, como debate, as mulheres negras, nas perspectivas das interseccionalidades de gênero, raça, classe e território, em um contexto específico, a Amazônia, elucidando outra narrativa que confronta a narrativa hegemônica ao reconstruir outras histórias de resistências a partir de histórias de vidas dessas mulheres negras amazônidas. Uma proposta interdisciplinar de reverberação das vozes destas também em sala de aula, com vistas a promover um instigante debate com estudantes de escola pública, especialmente com as meninas negras e não negras acerca do empoderamento racial e de gênero na educação.

A presença negra na Amazônia: histórias de resistência

“Tia Venina, senhora menina, / que tanto fascina. / Muito me ensina, / quase uma heroína” (Soares, 2019, p. 100).⁴

O processo de ocupação do espaço e interação entre os vários grupos étnicos na região amazônica, não pode ser compreendido como um fenômeno harmônico, mas fruto de um sistema econômico que tem suas raízes no sistema



colonial, pois a entrada da mão de obra africana na região só é concretizada a partir do século XVII, após, aproximadamente, cem anos de presença lusitana na Amazônia (Gomes, 2003).

Essa introdução foi uma imposição da metrópole, através das diversas companhias de comércio criadas para este fim⁵.

Dando início a um longo processo, por intermédio do qual se possibilitou o contato entre diferentes grupos de africanos transportados de diversas regiões da África, que aqui se “confraternizaram”, segundo um discurso dominante, com outras etnias, em que a solidariedade residia na condição de cativo e(ou) de submissão.

Portanto, “Aqui também encontraram o elemento indígena reduzido à mesma condição de escravizado ou servo de gleba, numa convivência mais ou menos promíscua com soldados e colonos oriundos das classes populares do velho mundo” (Salles, 1989, p. 80).

Portanto, o intenso processo de interação mais as disputas do jogo geopolítico, estabelecido na região amazônica entre as grandes nações europeias, possibilitaram aos negros uma maior mobilidade espacial e de resistência (Gomes, 1996). Mobilidade e resistência que, por sua vez, permitiram a formação de quilombos no espaço do território amazônico, já que o “destino” natural do negro fugido era o mocambo (Salles, 1989).

Destaca-se, que mocambo e quilombos, as quais os autores,

Gomes e Salles, referem-se, são nomenclaturas com o mesmo significado, lugar de liberdade, de resistência, de refúgios para escravizados fugitivos individualmente ou coletivamente da escravidão no período colonial. Entretanto, o nome mocambo (casebres), surge primeiro, depois, passa-se a se chamar quilombo (acampamentos)⁶, ambos lugares de rebeldia. Hoje, por exemplo, o que se entende por quilombo, de acordo com o Decreto nº 4.887/2003, são “grupos étnicos raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de reações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2003).

Portanto, mais do que entender a presença negra na Amazônia, é preciso compreender que os afro-brasileiros, para além de serem enquadrados em uma lógica coisificada dentro do sistema colonial, foram capazes de se adaptar a um conjunto de situações adversas, violentas e desumanas. E, sempre que possível, desenvolveram suas próprias lógicas de resistência, buscando o reencontro com a sua condição humana (Moura, 1992), objetivando superar o sistema de controle social e econômico imposto pelas elites (Nascimento, 1978), seja na criação de quilombos, seja na participação em conflitos armados contra a opressão da elite dominante, como na Cabanagem, seja através de violência física ou quebra de equipamentos, e, até mesmo, na reivindicação de melhores condições de trabalho (Gomes, 1996; Lara, 1989; Moura, 1993; Salles, 1989).

Mulheres negras amazônidas: novas histórias, mostradas por outros olhares

“Sou muito forte e determinada. / Ainda com as dificuldades deste mundo. / Sou professora, sou negra valente. / E não me abalo tão profundo” (Silva, 2019, p. 40)8.

Os passos de resistências e protagonismos da mulher negra na Amazônia vêm de muito longe. Salles (1971) afirma que, no século XVIII, Felipa Maria Aranha liderava um mocambo na região do Tocantins, e, sob seu comando, havia mais de trezentas pessoas, porém, “como não são vistas, não são lembradas, por isso, a historiografia amazônica tem raras informações sobre este fato histórico” (Custódio; Souza; Almeida, 2019, p. 242).

Para Davis (2016, p. 17)9, essa realidade mudará quando alguém conseguir elucidar esses mal-entendidos históricos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas nas Américas: “Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista terão esclarecimentos sobre as lutas atuais das mulheres negras e de todas as que buscam emancipação”. Assim, Davis (2016) convida pessoas corajosas e engajadas a visibilizar a história das mulheres negras nas Américas. Para as ativistas do feminismo-afronegro-amazônico, quer dizer, como diz Bentes (1993)10 quando expressa que aquelas que se autodeclaram negras e que entendem que o feminismo não é combater homens, não é um conjunto de lésbicas, não é um conjunto de mal-amadas e sim uma proposta política que mesmo reconhecendo diferenças biológicas, advoga equidade integral entre homens e mulheres, mesmo sabendo que a

Amazônia, tem esse nome pautado em lenda grega, por isso, consideraram necessário se engajar em processo decoloniais e defender princípios do bem-viver, Ubuntu, Teko Porã e Florestania.

Corroborando com Bentes (1993), completamos dizendo que, as ativistas do feminismo-afro-negro-amazônico, além de autodeclaradas negras, são aquelas que seus corpos são culturas andantes, ou melhor, carregam em seus corpos mapas simbólicos de saberes e fazeres de seus territórios e, os expressam em suas escrituras decoloniais, a mulher negra amazônida, tal forma, que todas as formas de opressões, como de protagonismo dessa mulher, estão intrinsecamente ligadas a natureza. Logo, visibilizar o protagonismo da mulher negra na historiografia da região, é um grande desafio, porque, o feminismo-afro-negro-amazônico, se constrói da invisibilidade da mulher negra no contexto da história Amazônica, principalmente na conservação da Biodiversidade, para manter a floresta em pé, ou seja, “Nós, mulheres negras, nunca estivemos ausentes da história da Amazônia, sempre existimos” (Almeida; Malcher; Bentes, 2018, p. 104). As autoras ainda expressam que:

Já em 1986, foi criado no Pará o grupo liderado por mulheres negras “Estrelas do Oriente”, com a finalidade de celebrar festividades religiosas. Do mesmo período são as “irmãs de São Raimundo”, uma irmandade de mulheres negras as Taieiras, grupo de mulheres lavadeiras. [...] Ainda no Pará, a resistência no século XIX aparece nos jornais que anunciam fugas de mulheres negras escravizadas (Almeida; Malcher; Bentes, 2018, p. 104).

Sobre a ausência de mulheres negras, que “marcaram



presença com sua força e poder espiritual”, na historiografia amazônica, Pinto (2012, p. 4) afirma que,

Nas revoltas, nas insurreições, nas fugas, nos quilombos e nas outras formas de enfrentamento do cotidiano, a luta da mulher escravizada, a despeito do silêncio da historiografia, nunca deixou de existir. Sem dúvida alguma, a mulher tinha um importante papel — digo até que tinha um certo poder — na constituição e manutenção da comunidade escravizada.

Portanto, para discutir a visibilidade e o protagonismo da mulher negra amazônida, a variável gênero, sozinha, não dá conta. “Não se fala de gênero sem recorte racial e de classe. De que mulheres estamos falando, afinal?” (Conrado, 2012, p. 22). Tratando-se de mulher negra na Amazônia, protagonista em um território, com suas diversidades e especificidades, requer que sua singularidade seja considerada na análise de gênero, raça e classe (Almeida, 2018).

De acordo com Câmara (2017, p. 140), é muita ousadia pesquisar sobre mulheres negras na Amazônia: “enquanto sujeitas ativas nos processos e a ausência de material sobre o qual debruçar-se, pesquisar gênero e raça na Amazônia é como garimpar no escuro qualquer reluzir mesmo ao longe”. A ausência de registros escritos sobre a atuação das mulheres negras na formação e no desenvolvimento do Brasil deixa lacuna nessa história nos livros didáticos, nos museus, no currículo escolar e nas narrativas oficiais (Conrado, 2012).

A carência de estudos sobre as formas de resistência da mulher negra trouxe graves consequências para as mulheres negras amazônidas, com destaque para a baixa autoestima e a ausência de referências de heroínas e lideranças que possam

inspirar meninas e adolescentes negras.

À vista disso, entre as ativistas do feminismo afro-amazônico, há consenso que o pensamento feminista hegemônico na academia impede, na análise da variável gênero, a inclusão do lugar da mulher negra, e, caso seja incluído, não abarcaria a mulher negra amazônida. Igualmente, consentem da urgência de se instituir o lugar da mulher negra amazônica na produção do conhecimento acadêmico brasileiro.

Na tão sonhada ruptura, as diversas identidades femininas devem revelar escrevivências das mulheres negras no intuito de criar novas epistemologias e metodologias e, assim, escutar a voz das mulheres negras, a fim de “apontar outras protagonistas que também fazem parte do que foi repassado como oficial” (Câmara, 2017, p. 144).

Segundo a escritora Evaristo (2017, p. 1), a escrevivência “conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência, seja particular ou coletiva, justamente para acordar os da Casa Grande. [A escrevivência] seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira”.

Sobre minha condição de mulher negra... Nasci negra, porém metornei essa mulher negra conhecedora de meus direitos e deveres, pela minha vivência nos movimentos. Meu primeiro contato e onde comecei a beber nessa fonte na verdade, foi ouvindo os conselhos de minha'vó Benedita Guilherma Ramos - tia Biló (Silva, 2010, p. 117).

Bentes (1993, p. 39) defende que a história do Brasil precisa

ser recontada, reconhece que “É verdade que já se percebe significativos avanços no sentido de ‘reescrever’ a História, em alguns livros, mas infelizmente ainda poucos deles são adotados nas escolas, sobretudo por falta de boa vontade e decisão política”. Por essa razão, acredita que novas histórias, mostradas por outros olhares, possibilitariam entender procedimentos aparentemente contraditórios, ainda hoje em nosso país, como, por exemplo,

A independência do Brasil, em 1822, realizada por escravizadocratas, não trouxe consigo (evidentemente) a Liberação dos Escravizados. Aliás, a Inconfidência Mineira, 1782/1792 — que pregava a “Liberdade mesmo que tardia”. Também não incluía em seus propósitos a Abolição do escravismo”. Tratava-se pois de uma “liberdade seletiva”, Os brancos se libertariam do colonialismo português mas nós continuávamos seus escravizados (Bentes, 1993, p. 40).

Nesse diapasão, Da Silva (1999) explica que a ideologia do racismo “científico” propagou a desigualdade entre os seres humanos, seus desdobramentos emolduraram negros e indígenas na categoria “outros” e definiram seus “devidos lugares” na sociedade brasileira. Por isso, na análise do variável gênero, não há o lugar da mulher negra, como não há lugar no currículo escolar, não há lugar no conteúdo programático, nem nas imagens ilustrativas da sala de aula, mas há lugar na cozinha da escola decorando o cardápio da merenda escolar.

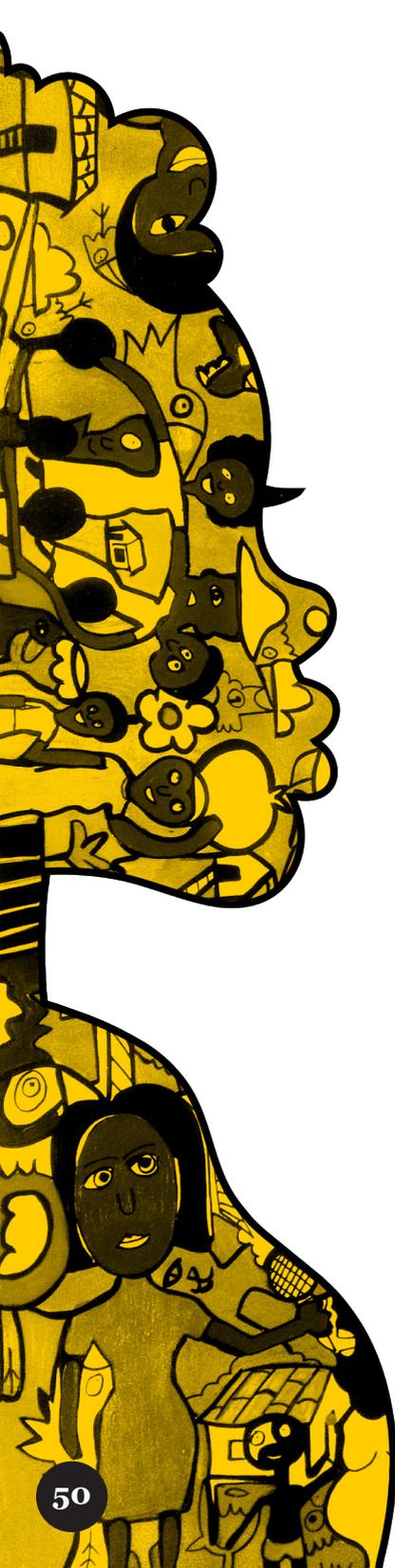
Para tal, faz-se necessário indagar: afinal, como reescrever a história das mulheres negras amazônidas por outros olhares no contexto da sala de aula, mediante os desafios e as limitações para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003,

Machado (2019, p. 40), com sua experiência de mulher negra amazônica, afirma que

“Escrevivendo” diz respeito ao mundo da escrita de uma mulher negra sobre mulheres negras, de como as histórias se entrecruzam e apontam para uma outra forma de escrever, tendo por base suas histórias de vida, suas subjetivações e os processos dialógicos de se aprender na conformidade de uma outra epistemologia.

Concordando com a reflexão de Machado (2019), em virtude dos saberes e fazeres ancestrais da mulher negra, assim como da mulher indígena, não serem vistos como conhecimentos, observa-se que essas mulheres vivem sob ameaças do modelo de desenvolvimento imposto para a Amazônia, inclusive correndo risco de morte. Portanto, para Almeida, Malcher e Bentes (2018, p. 109), “É um desafio enorme apontar as opressões praticadas contra as mulheres negras amazônidas em razão das especificidades de nossos territórios”.

Além do mais, existe a disputa de narrativa na produção acadêmica, no currículo escolar e, agora, também na aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003, pela carência de produção pedagógica sobre a temática com interface da realidade Amazônica, na qual o(a) professor(a) possa se fundamentar para sua prática pedagógica. Diante do exposto, há urgência na produção de um outro fazer pedagógico, com outras epistemologias e metodologias, as quais possam elucidar, reconhecer, valorizar e publicizar a contribuição da mulher negra amazônida, como pode ser percebido nas narrativas poéticas que compõem o livro **Mulheres Negras:**



fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos (Videira; Ferreira; Fonseca, 2019).

Para Trindade (2010), produzir outro fazer pedagógico, por uma pedagogia antirracista, é tornar visíveis a memória e o patrimônio construídos pelos africanos (as) e seus descendentes no Brasil de forma positiva, para desconstruir a imagem que africanos e afro-brasileiros não têm histórias. Ao dizer que é possível se construir uma pedagogia antirracista, envolvendo grupos de pessoas de origens, concepções e vivências diferenciadas, como acontece no espaço escolar, ela parte da seguinte dialética: da existência de duas “certezas” conflitantes: a primeira, que cada patrimônio material e imaterial da nossa sociedade brasileira, consciente ou inconsciente, está de forma positiva impregnada da memória ancestral e afetiva da presença, da marca africana, pelo fato de África, ser um continente Berço da Humanidade. “A Segunda ‘certeza’ refere-se ao lugar em que estas memórias, estes saberes e fazeres se encontram — embora os saberes e as memórias inscritos nos corpos, incluindo corações e mentes de cada brasileiro” sejam invisibilizados, reprimidos e subalternizados por conta das mazelas do escravismo, mesmo que estes saberes estejam vivos, presentes e fortes (Brandão, 2010, p. 13).

Olhando a sala de aula pela luz de Trindade (2010), pode-se considerá-la um lugar de memórias, saberes e fazeres afrodescendentes, portanto, um excelente espaço para efetivação da Lei nº 10.639/2003, na perspectiva de gênero e

raça, na “certeza” que estudantes e professores(as), consciente ou inconscientemente, de alguma maneira, carregam em si a memória afetiva ancestral da mulher africana.

Diante do exposto, a Pedagogia das Canoas: encontro de experiências (Almeida, 2018) poderá motivar os(as) professores(as) na adoção de práticas e instrumentos pedagógicos que promovam a participação e interatividade entre os(as) estudantes, por meio das quais as histórias de vida (escrivência) e a experiência de cada educando(a).

Essa pedagogia dialoga com ideia da obra ***Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos***, pela forma de cientificamente posicionar, historicamente mulheres negras nas historiografias e epistemologia brasileira e nortista, fundamentada na resistência criativa, com intervenção amorosa, cuidadosa e crítica ao eurocentrismo, ao racismo, ao executivo, pela visibilidade de sua altivez, no processo de escuta ativa.

Novas pedagogias para posicionar mulheres negras nas historiografias e epistemologia brasileira e nortista

“Cada vez que vejo Dona Conce fumando, fico divagando se ela estaria a (re)lembrar de suas vivências desde a meninice, molequice e maturidade” (Videira; Ferreira; Fonseca 2019, p. 133)¹¹.

Para Walsh (2017, p. 506), pedagogias pensadas não no sentido de instrumentalização do ensino e do saber estimulam possibilidades de olhar o mundo de outra maneira: “Pedagogias

que incitan possibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogías enrumadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento decolonial”. Walsh (2017) considera que o fazer pedagógico, o olhar, o escutar e o saber do outro abrem possibilidades das insurgências de pedagogias horizontais, nas quais sujeitos excluídos têm a oportunidade de emergirem com novas histórias emancipatórias.

A Pedagogia das Canoas: encontro de experiências (Almeida, 2018) se adequa ao caráter horizontal proposto por Walsh (2017), pois é uma metodologia científica idealizada e aplicada em estudo de história oral, sob a perspectiva do conceito de experiência do filósofo Walter Benjamin (1987). Aplica-se tanto cientificamente como na praticidade ao conceito de oralidade do filósofo Hampaté Bâ (2010), com base na tradição oral africana, pois ambos autores tratam do que foi falado.

Em Benjamin (1987), a experiência de vivência do narrador se transforma no chão para contar sua história, então, ele precisa do ouvinte para escutar sua narrativa.

Já o narrador africano Hampaté Bâ (2010) reconstrói o passado, sem deixar de lado fatos e seus personagens, porque, na tradição oral africana, a palavra mantém a tradição viva, para isso, precisa se movimentar, caminhar, assim, como as histórias de mulheres negras contadas e narradas em Videira, Ferreira e Fonseca (2019) e encontra, na sala de aula, o chão para a sua aplicação.

Segundo Almeida (2019, p. 4), essa tipologia metodológica recebe tal denominação “por ser muito além de um percurso metodológico e também ser transgressora, pois possibilita a construção coletiva e o ecoar de outras vozes, para além da pesquisadora, e, com isso, o surgimento de novas histórias”, tendo como protagonistas e sujeitos centrais nas narrativas as mulheres negras amazônidas.

É importante destacar que, sendo uma pedagogia com aporte nos conceitos de escrevivência, de autoria de Evaristo (2017), e experiência, cunhado por Benjamin (1987), vê-se, nesta, a oportunidade de visibilizar identidades¹² de mulheres negras numa narrativa poética em movimento, simulando o trafegar das canoas pelos rios e igarapés amazônicos — uma espécie de simbologia da região, que ressalta a relação da água com as encantarias e com o poder feminino — e seus saberes amazônicos como gente, mães e filhas da floresta.

Dona Castorina tinha um grande conhecimento da medicina popular e natural da Amazônia. Seus remédios eram indicados para tratar verminoses, gastrites, estresse, tristeza, falta de disposição etc. Se a medicina secular não resolvesse, era só procurar a velha senhora. Ela atendia clientes de todas as idades e nível social — de senhoras pobres que moram nas áreas alagadas a médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, que não escondiam sua admiração pela curandeira (Silva, 2019, p. 87).

O conceito de escrevivência possibilita esse efeito positivo, a ser utilizado e sugerido como elemento que pode ser falado em sala de aula, enquanto espaço e lugar de memórias. Como seria fantástico para uma menina negra ver no conteúdo programático as histórias de suas ancestrais. Já que, nos dizeres



de Almeida, Malcher e Bentes (2018, p. 108), “É um desafio manter viva a memória da ancestralidade — como garantia dos saberes tradicionais dessas mulheres para o futuro — que hoje está dizimada pelo modelo de desenvolvimento imposto à Amazônia, como os grandes projetos”.

Para Machado (2019, p. 30), “as mulheres negras, como as aves Sankofas, constroem poéticas próprias dentro do vazio hegemônico apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder”, ou seja, a escrivência da mulher negra no presente, voltada para sua ancestralidade, desconstrói o não lugar da mulher memória nas historiografias. Freitas (2019, p. 37), no livro *Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*, assim traduz, em sua poesia, esses saberes e memórias:

Minha avó é negra,
Não tenho vergonha de dizer.
Quase tudo que sei hoje
Vou aqui esclarecer.
Aprendi com ela
Amassar bacaba e pescar.
Hoje ensino os meus filhos
Pra vergonha não passar. [...]

Destarte, a Pedagogia das Canoas (Almeida, 2018) é específica para trabalhar com memórias excluídas a fim de (re)construir histórias e (re)contar novas histórias a partir de experiências de vida individuais e coletivas. O assoalho dessa canoa, na concepção de Almeida (2019, p. 2), “reveste-se de acolhimento, sustentada pelas premissas: do zelo, do respeito, da escuta ativa e do afeto”.

Nesse caso, no pensamento de Almeida (2018, p. 50), depreende-se que as mulheres negras não seriam protagonistas em um outro espaço senão nessa metodologia, que “nos permitiu dar voz às mulheres negras anônimas esquecidas na historiografia amazônica”. Haja vista que a escola formal como modelo institucional é específica, estruturada em uma matriz curricular eurocêntrica, colonialista, machista e racista, é despreparada para escutar as vozes femininas, e, quando o faz, não são as vozes femininas negras as ouvidas.

Essa evidência decorre do fato da escola ser moldada para contar histórias a partir de uma história única: a europeia. A esse respeito Adichie (2019, p. 23), discorre sobre o perigo de uma história única, na qual “o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer com que ela seja sua história definitiva”, como acontece com a história propagada acerca da mulher brasileira, sem, contudo, a presença da mulher negra da Amazônia. E, nas raras vezes que tais mulheres são citadas, são submetidas à óptica da mulher negra do Sul e do Sudeste ou estereotipada.

Por vezes, a escola não se atenta para fazer uma reflexão crítica sobre isso.

hooks (2017, p. 58), em suas reflexões, afirma ser importante, na sala de aula, “Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes), escutar um ao outro, é um exercício de reconhecimento. Também que nenhum aluno permaneça invisível na sala”. É muito interessante o que essa autora levanta sobre o

significado de uma pedagogia engajada: “minha voz não é o único relato que acontece em sala de aula. [...] A pedagogia engajada necessariamente valoriza a experiência do aluno” (hooks, 2017, p. 34).

Enfatiza que toda sala de aula onde for aplicada será também um local de crescimento do(a) professor(a). E orienta para a necessidade de adoção de esforço conjunto entre direção, corpo técnico-pedagógico, professores, estudantes e comunidade escolar para que tenham maior visibilidade e fôlego para navegarem juntos na contra maré da história única.

Por intermédio da Pedagogia das Canoas (Almeida, 2018), e conforme evidencia o livro *Mulheres Negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos* (Fonseca, 2019), entende-se ser possível o(a) professor(a) promover a discussão interdisciplinar com interseccionalidade entre as categorias gênero e raça para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003 e, assim, contribuir diretamente para a formação e o fortalecimento da autoestima de estudantes negras(os) da educação básica de escolas públicas e privadas e, conseqüentemente, de professoras negras. “É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade [...] brasileira” (Brasil, 2013, p. 91).

Considerações finais

As atividades desenvolvidas com os/as acadêmicos/as do

Parfor durante a ministração da disciplina Teoria e Prática do Ensino de História e Cultura Afro do curso de Pedagogia da UNIFAP, foi um momento muito produtivo com ricas reflexões, pois intencionava principalmente lançar luz nas identidades de mulheres negras — ressurgidas através de textos escritos — capazes de dignificar e reconhecer sua relevância na dinâmica histórica, social e cultural dentro e fora de suas comunidades, assim como no espaço escolar.

Pode-se considerar a sala de aula como espaço para reverberação das vozes de mulheres negras. Para tanto, o engajamento do(a) professor(a) é fundamental no sentido de olhá-la como lugar de anunciação de diferentes vozes, sobretudo, da ressignificação de alunas negras. Para isso, as práticas pedagógicas fundamentadas na inclusão, na criticidade e na autonomia se fazem necessárias para construção de diálogos nos quais alunos(as) e professores(as) e comunidade escolar, juntos, construam o imagético positivo da contribuição da mulher negra na sociedade brasileira, notadamente na sociedade amazônica nortista, tanto na sala de aula como em outros lugares educativos. Assim, poderá ser possível reescrever a história das mulheres negras amazônidas com novas histórias e por outros olhares no contexto da sala de aula mediante os desafios e as limitações para a aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003.

Certamente esses acadêmicos/as (já professores/as atuantes em sala de aula em diferentes municípios do Estado), diante de iniciativas como esta, dentre outras, estarão mais bem

qualificados e preparados para lidar com as diversidades da sala de aula, para fomento dos marcos legais no currículo escolar da Educação Básica, no seu fazer pedagógico cotidiano e na elaboração de projetos pedagógicos de maneira inter e multidisciplinar.

Maria das Dores do Rosário Almeida
*Mestra em Desenvolvimento Sustentável
junto aos Povos e Terras Tradicionais*

Piedade Lino Videira
Doutora e Pós-doutora em Educação Brasileira

Colaborador:
Elivaldo Serrão Custódio
Doutor e Pós-doutor em Educação Quilombola



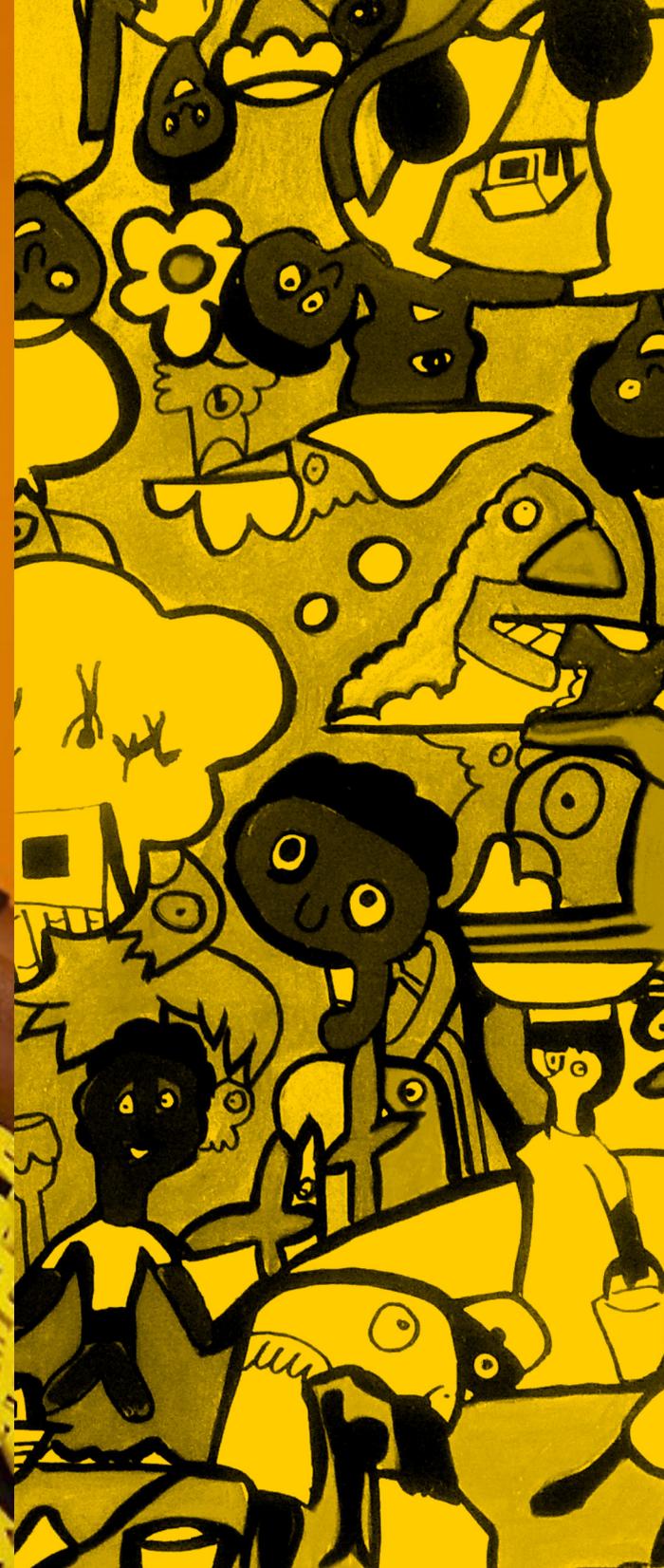


CAPITULO 1

**EXISTE SIM SUPER HEROÍNAS E
ELAS SÃO PRETAS**

Conceição Evaristo (1946) é uma escritora brasileira contemporânea nascida em Minas Gerais).

É um dos nomes que tem se destacado na literatura contemporânea brasileira. A autora nasceu na periferia de Belo Horizonte, negra e de origem pobre, mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de trabalho. No Rio de Janeiro, formou-se em Letras, e alguns anos mais tarde, fez Mestrado e Doutorado na área de Literatura. Apresenta-se como uma escritora versátil que transita entre o universo da poesia e da prosa. Apesar de escrever desde a juventude, Evaristo só começou a publicar aos 44 anos, em 1990, numa série de antologias de Cadernos Negros da editora Quilombohoje. Seu primeiro romance, Ponciá Vicêncio, foi publicado em 2003. Posteriormente, foram publicados Becos da memória (2006), Poemas da recordação e outros movimentos (2008), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos d'água (2014) e Histórias de leves enganos e parecenças (2016). Suas principais temáticas, geralmente, englobam a memória, a condição do negro, em especial, da mulher negra, a luta e a resistência, o legado histórico e os reflexos da escravidão.



EU SOU MULHER

Não sou só cama e cozinha, furo a bolha do cânone.
Filosofando e escrevendo, boto a boca no trombone.
Pensaram que eu podia só cozinhar, lavar e criar.
Subestimaram minha capacidade de pensar,
escrever e publicar.

Eu sou mulher e mulher, sabe o que quer.

Não adianta me prender com ideia hegemônica.
Eu fui, eu sou e serei, de intuição bafômica.
Minha beleza vem da realeza.
Amazônia é o meu chão, meu respirar e meu pulmão.

Eu sou mulher e mulher, sabe o que quer.

Subo morros, desço ladeiras, lavo roupas em corredeiras.

Com a peçonha eu dou show, faço tudo com amor.
Na luta eu dou mortal, uso espada afiada.
Por isso, não venha seu moço,
Colocar a corda no meu pescoço.

Eu sou mulher e mulher, sabe o que quer.

Sou agradecida por tudo que tenho na vida.

Saber, poder e identidade
É inspiração de irmandade.

Sou rua, sou rio, sou vastidão
Sou joia, sou flor, sou coração

Eu sou mulher negra

E tenho pertença,

Respeitem minha essência.



Mulheres Guerreiras

Minha avó:

Mulher que nunca fugiu da luta,
Que mesmo cansada da vida da roça
Não perdeu o entusiasmo, a força e o vigor.
Criou oito filhos, dando a cada um deles
Estudo, atenção e amor.

Minha mãe:

Uma das filhas, pela determinação se destacou!
Casou, teve quatro filhas e estudou;
Com muita garra em professora se formou;
Passou em concurso,
E de um homem machista e violento se livrou.
Hoje sua prole Santos procura seguir o exemplo
Dessas duas mulheres guerreiras
Que deixaram e deixam suas marcas
De luta, a atribulações e vitórias
Aos seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

*Autora: Alexandra Santana dos Santos
Homenagem: Janicelly dos Santos Sousa*

Mulheres negras, exemplos de vida

Piedade Lino Videira:

O que falar daquela
Que todos falam?
Não só sua beleza,
Mas sua natureza reluz.
Na pele mostra a origem de seu povo raiz
É nobre, é majestoso,
Seu conhecimento,
Sua matriz.
Seu destino é o sucesso
Que nele exemplifica e nos mostra,
Transmitindo a sabedoria
Para os que estão aqui.
Axé meu povo, axé!
Seus traços reforçam
O orgulho que ela traduz.
Da negra,
Bela mulata.
Que orgulho temos de ti!

Dona Chiquinha:

Francisca Vilhena dos Santos tem 99 anos e nasceu da comunidade do Cunami, no município de Calçoene, mas reside em Oiapoque há muitos anos. Conhecedora de plantas medicinais e remédios caseiros

Senhora doce, bondosa,
De ricos conhecimentos
Das raízes e plantas que conhece
Para aliviar nosso sofrimento.
Suas mãos são cuidadosas
Na arte da plantação.
Seus olhos são estrelas que
Não olham com perfeição.
Ao seu lado sou feliz.
Me transmite paz e gratidão.
É ela, senhora Chiquinha,
A quem tenho admiração.
Sua linhagem é grande:
De origem Cunani,
Seu coração é acolhedor.
É coisa que nunca vi!
Uma senhorinha tão pequena,
Mas com os sentimentos
Maiores que eu já vi.
Comemoramos seu centenário
Este ano, se Deus quiser.
Mais a alegria, com certeza,
É de ser amiga dessa mulher.

A dama de vermelho :

Dona Maria José Moraes Rodrigues, tem 62 anos. Nasceu no Maranhão, mas mora há muitos anos em Oiapoque. Conhecedora de remédios caseiros, como garrafadas, é uma senhora muito divertida e religiosa, lá ela é conhecida como a "Dama de vermelho". Pois suas vestes são sempre nessa cor.

No sorriso nos mostra
Sua vida sofrida.
De família humilde,
Sua vida continha,
A alegria que nos trazia
Com seu canto em harmonia.
A gentileza nas palavras
De uma guerreira mulher!
O coração tão grandioso,
Inundando nosso majestoso
Universo popular.
Ela é assim:
Canta, dança, se refaz.
No outro dia
Ela passa, com sua cor.
Vermelha,
A dama nos encanta
Sua morada
É aberta
Para quem
Quiser entrar
E na roda ela dança
Pra todos se admirar,
Essa regra é da gente
A quem possa se manifestar.
Tenho orgulho de ser gente da gente
De gente onde ela está...

Autora: Alexandra Silva da Costa



Três mulheres Super-Poderosas

Não é difícil entender que somos produtos de uma construção social, e que a formação do indivíduo, seja na esfera moral, ética ou econômica, se desenvolve por meio de ensinamentos e das inúmeras interações sociais estabelecidas com o passar do tempo. Muito embora alguém oriundo de uma família pobre não necessariamente será pobre, existe uma grande dificuldade do mesmo em avançar pela escolarização, haja vista que ele precisará pagar transporte para se dirigir até seu local de estudo, e muitos, além de estudar, precisam trabalhar para garantir o seu próprio sustento.

Vivemos em um país que, quando um negro se dirige a uma loja a atendente pergunta se ele vai pagar no crediário e de quantas vezes, sequer cogita a possibilidade de o pagamento ser em espécie ou em cartão de débito. Vivemos em um país onde negro tem que fazer “trabalho braçal”, enquanto os brancos devem ser “os intelectuais”; um país onde quem é negro tem que “ralar” muito para alcançar grandes conquistas, porque a sociedade o força a isso. Esses preconceitos, valores preestabelecidos precisam ser invertidos, onde normal é ser diferente, desmistificando a figura do negro e passar a agir com naturalidade.

De um lado, temos exemplos ruins e pejorativos, por outro lado, vivemos em um país de mães como dona Maria, minha mãe amada, que desde treze anos vem superando as dificuldades, sempre proporcionando o melhor para os filhos e, em meio à labuta diária sempre tinha um belo sorriso de conforto para demonstrar a gratidão pela vida.

Isso me faz entender que existem sim “super-heroínas” e elas são pretas, cujos poderes estão fora da nossa compreensão, em padrões psicológicos de normalidade, a maioria das pessoas jogaria tudo para o alto e se deixaria cair no desequilíbrio emocional, porém a minha heroína sempre conseguia uma “provisão” e me parecia ser muito segura: -Ora, ora, se isso não são super- poderes...

Vivemos também no país da Dona Francisca (Dona Quinha), que criou seus filhos com toda “garra”, enfrentando os problemas de sua época e hoje todos os filhos são bem encaminhados.

Também vivemos no país da Doutora Piedade, que enfrentou diversos preconceitos e lutas, mas graças à sua persistência, podemos chamar uma negra de Doutora e, por sinal, muito competente.

O questionamento mais pertinente talvez seja o fato de serem “super-heroínas”. Vamos lá, eu explico: no cinema os filmes de heróis não possuem um gênero específico. Eles estão inseridos no “melodrama” que se assemelha ao gênero das novelas, sendo a característica principal a visão maniqueísta:

sempre encontramos a presença de um protagonista do bem versus um antagonista do mal. Nesse contexto da vida real, nossas mulheres são protagonistas de uma vida que não foi fácil, e o grande antagonista foi e é o preconceito, uma dívida histórica que nunca vai conseguir ser apagada. Entendo eu que só quem tem superpoderes consegue avançar nesse Brasil de preconceitos contra os negros.

Acredito, que podemos reconstruir os valores, a identidade dos negros, valorizar nossas culturas, dar o real valor de as existência, fazer acontecer uma verdadeira democracia racial.

Termino minha reflexão convidando um grande poeta, Mário Quintana, para estar conosco e dizer a todas às super-heroínas desse Brasil, com grande chumbo poético: "Todos esses que aí estão atravancando [nossos] caminhos, eles passarão... [e nós] passarinho!" Mario Quintana (2005, p. 257)

Autora: Biata Gama Dias

Três negras do Estado do Amapá

Homenagem a uma mulher negra que faz o bem sem olhar a quem, seu nome Vilça Rodrigues dos Santos, setenta e nove anos de idade, moradora do bairro do Congós, dona de casa e benzedeira, Macapá/AP.

Aqui quero homenagear,
Uma senhora querida.
Dona Vilça Rodrigues dos Santos, benzedeira,
Por fazer parte da minha vida.

Sua vida de alegrias e muita dedicação,
Nos meus 79 anos de vida.
Está sempre tão bonita,
Fazendo sua oração.

Com suas ervas caseiras,
Benze as crianças doentes,
Fazendo elas curar,
De todo mal presente.

Através de suas preces,
De uma eficácia para curar,
Da qual jamais ousamos duvidar,





Se faz presente na minha vida,
Com muita sabedoria ao orar,

Uma pessoa com muito amor
Que nos acolhe no momento de dor,
Com suas mãos tão delicadas,
E com o conhecimento que das entidades herdou.
Por mais que não tenha estudos,
Sabe mais que um Doutor.

Ter você ao meu lado, uma alegria para mim.
Peço a Deus todos os dias que te proteja; enfim.
Que te dê muita saúde, para sua vida seguir,
Fazendo o bem a todo mundo, sem remuneração pedir.

Você faz parte da minha história,
E sempre está presente,
Em todas minhas memórias.
Eu te amo para sempre.

Homenagem a uma mulher negra, que desempenhava suas
funções com muita dedicação, e amava o que fazia. Dona
Luzia Ramos, merendeira da escola Castelo Branco na década
de 80. Moradora do bairro do Trem, Macapá/AP.

Aqui vou homenagear,
Uma mulher guerreira.
Seu nome, Luzia Ramos,

Uma mulher, negra brasileira.
Muitas vezes, não sei ao certo,
O que eu vou escrever.
Mas tudo fica mais fácil,
Quando eu lembro de você.
Aí logo me recordo,
Dos momentos de minha infância.
Da sua presença no meu dia a dia,
Vem logo seu rosto, como lembrança.
Como é bom ter você como inspiração.
Lembrar desses momentos bons,
Faz bater forte meu coração.
Você faz parte da minha vida, e da minha educação.
Tia Preta, assim chamávamos,
Com todo amor no coração,
Senhora que servia o lanche,
Merendeira por profissão.
Na escola Castelo Branco,
Nos ensinava a lição.
Sempre tão bondosa, minha tia de coração,
Nos alimentava todos os dias.
Sempre tinha uma lição.
Fazia nosso lanche,
Com muito amor e dedicação,
Tinha muito orgulho, de sua profissão.
Partiste dessa vida,
Para outra vida, então,
Mas deixaste muitas saudades,



E boas memórias no coração.
Nada apagará essas lembranças,
Boas de minha memória,
Pois foste eternizada,
Em todas minhas memórias

Homenagem a você, minha querida irmã.
Minha irmã querida,
Venho aqui te homenagear,
Maria Auxiliadora Bezerra Alencar

Quis falar em forma de poema
As belezas da vida ao teu lado,
De quando eu era criança
Que recebia todo seu cuidado.

Quis falar em forma de canção
A alegria em que me encontro
E poder falar de coração
Do nosso lindo reencontro.

Quis falar em forma de pensamento
Tudo o que sinto no meu íntimo,
Mas com todo meu sentimento
O quanto teu amor é lindo.

Muitos tempos se passaram
Eu cada vez mais te amando,

Ao ver o teu sorriso lindo
Você sempre me abençoando.

Cresci agora sou mulher.
Mas sua preocupação comigo
Percorre minha caminhada
Por onde eu estiver.

Minha irmã, minha mãe querida,
A quem eu só tenho a agradecer,
Através dessas palavras
Dizer o quanto eu amo você.

Autora: Edleia Valeska Barbosa



Mulheres negras, vitórias e conquistas

Respeito e referência: Ao grande senhor de escravizados, minha pátria amada. Por minha pátria amada

Lucélia Serra de Sousa é uma mulher negra livre, nascida no dia 21 de janeiro de 1957, em Porto de Moz/PA. Filha de pais agricultores, muito jovem começou a trabalhar na roça com seus pais, que fabricavam farinha e cultivando outras culturas para sua alimentação. Mudou-se com a família para Almeirim/PA, onde passou a morar com sua vó materna, a qual tinha um vasto conhecimento de plantas medicinais; parteira, benzedeira, fazia remédios, partos e rezava contra quebranto, ventre caído e encantamentos. Tornou-se cozinheira em casa de família; tem conhecimentos sobre culinária amapaense (tradicional e atuais). Mãe de cinco filhos, lutou muito para dar boa educação para estes; com todos estão criados, os tem com muito orgulho. Ainda que perdue a marca de sofrimentos e preconceitos, ela se vê como uma mulher, vitoriosa, por ter vencido as grandes dificuldades. Tornou-se um exemplo de mulher guerreira, que jamais desistiu de lutar por um futuro melhor para ela com seus filhos.

Para demonstrar o grande respeito e admiração por essa mulher de grande coração, transcrevo esse poema com lágrimas nos olhos e amor no coração, que mesmo não sendo meu, vejo nestes versos uma grande inspiração como proposta para mudar o pensamento de muita gente egoísta dessa nação.

Poema de Aline Djokic:

Na televisão vi seres sobrenaturais
Que se procriam sem amor,
Sem sexo, sem ancestrais,
Esses seres sobrenaturais.

Eles aparecem nas telas
Por um ângulo casual,
Às vezes vassouras nas mãos
Ou trajando um avental.

Esses seres, quando incomoda,
Vira chacota nas rodas
Dos seres que são reais.

Josilane Serra de Sousa

Mulher nascida no dia 27 de novembro de 1984, em Almeirim/PA. Filha de pais separados e mãe doméstica, muito jovem era responsável por cuidar da casa e do irmão mais novo, não teve grandes oportunidades para estudar e na adolescência já trabalhava em casa de família para ajudar nas despesas de casa. Casou-se com quinze anos, é mãe de três filhas, tem orgulho de ser negra e ter conseguido com muitas lutas vencer na vida.

Hoje com apenas o Ensino Médio, trabalha como agente administrativo na Escola Madre Tereza. Tem orgulho de ter duas filhas concluindo o Ensino Médio e uma cursando Psicologia na faculdade Fama. Tem o objetivo de cursar uma faculdade e tem certeza que vai conseguir, pois não tem medo enfrentar obstáculos da vida. Posso afirmar que o mundo seria muito melhor com pessoas com esse pensamento, sem preconceito ou qualquer discriminação.

Respeito e referência: Ao grande senhor de escravizados, minha pátria amada.

Me curvo em reverência,
Meus joelhos descem ao chão,
Minha cabeça eu levanto
E recebo a hóstia da exclusão.
Pai, não me deixa desfalecer.
Apoia-me, se necessário,
Sustenta-me com as grades fortes das prisões.
Que a carne é fraca, pai.
A carne tem fome, pai.
A carne também tem nome, pai.
Pai, essa carne sou eu!

Maria dos Anjos Martins

Mulher nascida em quinze de agosto de 1947, no interior do município de Almeirim/PA, filha de pais agricultores não teve oportunidades de estudar, com apenas o 4º ano do Ensino Fundamental sempre lutou para ajudar nas despesas de casa. Casou-se muito cedo, mãe de onze filhos e com o corpo todo debilitado por doenças e com traços de sofrimentos no rosto, tem um sorriso gostoso de ver. Com uma linda história de vitórias na vida, criou os filhos praticamente sozinha e não tem vergonha de dizer que tudo que os filhos se tornaram é fruto das grandes batalhas vencidas por ela. Hoje, uma senhora de 70 anos, cuida dos netos, tem conhecimento de plantas medicinais e respeita as tradições antigas, sendo um exemplo de mulher, que mesmo em um mundo preconceituoso, mostrou que essas barreiras podem ser destruídas, que o ser humano é igual e tem os mesmos direitos não importando crenças, raça ou cor.

Caras pretas

Caras pretas, nas senzalas,
Atrás da cozinha, longe da sala.
Caras pretas, prostitutas,
Que se atrevem a sair às ruas.

Caras pretas, mais um suspeito,
Longe do mundo acadêmico.
Caras pretas se levantando,
Deixando para trás o rebanho.

Caras pretas aprendendo,
Quebrando a sina do engenho,
Ensinando ao país da felicidade
Que a porta da frente é igualdade.

Autor: Fredson Martins do Carmo

Mulher de raiz africana

Você mulher de raiz africana,
Que trouxe na sua vivência as marcas do preconceito,
Mas, nem por isso se abateu,
Colo forte como os seus;
Fez da sua luta, a escolha da vida,
E tudo que aprendeu, ensinou a seus filhos,
É exemplo de mãe protetora, amorosa, que está presente.
E mesmo doente, não se amedronta.

É o porto seguro de muitos.
És referência de mulher guerreira.
És, simplesmente, mulher negra.

Vó ou tia benzedeira,
Que cuida de muitos filhos,
Que é carinhosa,
Que encanta a todos
Com histórias de seus ancestrais africanos.

Mulher dos olhos brilhantes,
De sorriso encantador,
De cabelos envolventes.
Mulher que transborda amor.
Mulher que dança seu Marabaixo.
Que ensina os pequeninos.
O valor da vida,
Sempre com muito amor.

Dedicado à professora Piedade

Quero expressar todo meu respeito e agradecer pelo ensinamento e reflexão que me proporcionou nessa disciplina. Tive a oportunidade de me descobrir como parte de uma história triste, que deixou um legado lindo para ser continuado.

Nesta semana de estudos intensos e debates marcantes, reorganizaram minha forma de pensar, e principalmente, de agir.

Quero ser uma defensora, mais do que isso, uma ferramenta na sala de aula, para que se propague o respeito entre as pessoas; compreendi que escola é fundamental para se desconstruir preconceitos. Apesar de manifestá-los com, frequência, é indispensável que quem? seja responsável e assuma seu papel social, perante a sociedade.

Enfim, tudo que aconteceu durante essa semana, foi de suma importância para minha formação pessoal e profissional. Obrigada por contribuir para o que considero de mais relevante no ser humano, o respeito.

Autora: Gilmara Leite da Costa

As mais belas negras

Pérola negra

Enviada por Deus,
Amor incondicional,
Me deste um sentido real.
Minha pérola!
Minha pérola negra.

Sua cor, seus cabelos, seus traços, suas raízes...
Tão lindos!
Tão seus!
Tão meus!
Amo-te filha linda!

Homenagem à Laura Guedes, minha filha. Origem africana,
com características marcantes, pessoa ímpar na minha vida,
meu tudo!

Piedade

Peçamos piedade ao senhor por aqueles
Quem passa por ela e não consegue acompanhar sua luz.
Reluz, piedade!
Peçamos piedade ao senhor
Por aqueles que sua alma almejam, mas o dono és tu, pai.
Blinda senhor, a tua piedade, que tanto se corteja.
Homenageada: Professora Doutora Piedade Lino Videira.

Guerreira

A luta e superação marcam a personalidade desta mulher.
Nem dois pontinhos foram capazes de impedi-la de viver
intensamente.
Com maestria passou pelas barreiras da vida.
E com a graça divina venceu.
Está vencendo e vencerá lutas futuras.
- Homenagem a Rosiane Dias Castro, professora do município
de Mazagão/AP.

Negra Loura

Veia de negra,
Coração afro,
Guerreira, raçuda.
De raízes marcantes e profundas
Não nega sua vinda,
Negra-branca, loura...
Não importa.
Porque o que importa
É a tua essência de pessoa
“Apache negra”.
Tua luta é circundada de vitórias.

- Homenagem a Jaciara Guerreiro, professora do Mazagão, com raízes afro e indígenas.

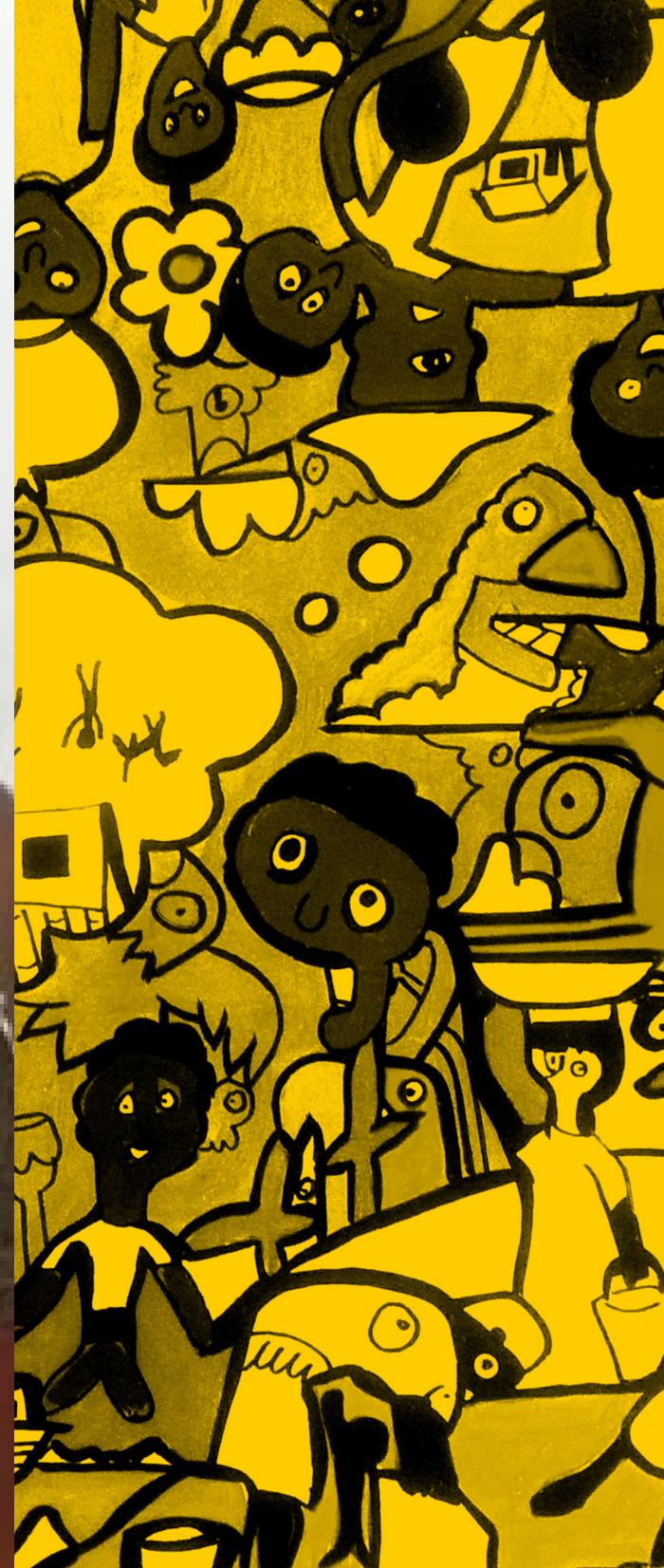
Autora: Hérika Valente Azevedo





CAPITULO 2
**MULHERES NEGRAS:
VITÓRIAS E CONQUISTAS**

Maria Aurea dos Santos do Espírito Santo nascida em Igarape-Miri/PA, Pedagoga, especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico e em EJA na inclusão e Diversidade, Mestre em Ciência da Educação. É mulher negra, professora, escritora, compositora, cantora, coordelista, oficina, ativista cultural, que tem inúmeros poemas publicados em diversas Antologias, um livro de poemas intitulado POESIA AUREA, uma Coleção Infantil intitulada DECA MOLECA e dois álbuns musicais em todas as plataformas intitulados EMPODERAMENTO FEMININO e JOIA RARA.



VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.



Memórias de Vidas Negras

Vó Roberta ou Dona Iaiá

Sua sabedoria vem de quase um século que viveu.
Acha graça e lamenta de alguns nomes que esqueceu.
Com conversa agradável, marcaram minha vida,
Os beijinhos que me deu.

Mãe velha ou avó Roberta ou dona Iaiá,
Sempre cuidou de mim, quando mamãe não estava lá.
A Enfermeira da floresta, a parteira que me fez brotar.

Seu assoviar ecoava pedindo vento a soprar,
Nos dias em que o calor nos fazia transpirar.
Seus remédios caseiros me faziam melhorar,
Das doenças que ela sabia, só de olhar.

Como não se lembrar do beijinho peculiar,
De abanar a saia quando vai se levantar e
Do sorriso envolvente que conquista ao gargalhar?
Um amor que só ela sabe demonstrar...





Maria grande amiga

Doce, doce inspiração,
Ela é pequenininha, mas tem grande coração.
Sempre ajudando muita gente.

Seu jeito extravagante conquista muitos sorrisos,
Quando sai com seu andar sempre elegante.

Muitas vezes julgada por sua cor,
Não veem que naquele peito há muito amor.
Obrigada, minha preta, por todas as ideias trocadas,
Por toda a força que me dá,
Nas palavras lindas, quando paramos para conversar.

Michele Obama, exemplo de mulher.

Mulher de encanto e grande simplicidade.
Mostrou para o mundo,
O que é ser uma primeira dama, de verdade.

Por sua cor sofreu preconceito,
Mas lutou sempre com muita garra no peito.

Pensando nos pobres em primeiro lugar,
Passou oito anos na casa branca.
Plantou até uma horta
Para incentivar muitos americanos a se alimentar.

Será sempre um exemplo de uma mulher elegante, brilhante,
Com sua beleza radiante.

Autor: Leila Pantoja de Souza

Mulheres negras rainhas

Guerreira Anastácia

Uma negra linda.
Por esta beleza
Foi sacrificada por um filho do escravizador.
Bravamente a negra lutou,
Resistiu...
Escapou o quanto pôde
Do desejo e obsessão.
Foi condenada,
Foi violentada
Por um homem sem coração.

Mulher de garra,
Mulher que acalanta,
Corre
Foge
Sofre.
O que era amor se perdeu.

Anastácia
De lindos olhos azuis.
Escondia a tristeza,
Por ser escravizada da
Alta realeza.
Mais um dia tinha a certeza
Que dessa vida sairia,
Se não fosse por nada,
Mas pela liberdade.

Mãe "Boneca"

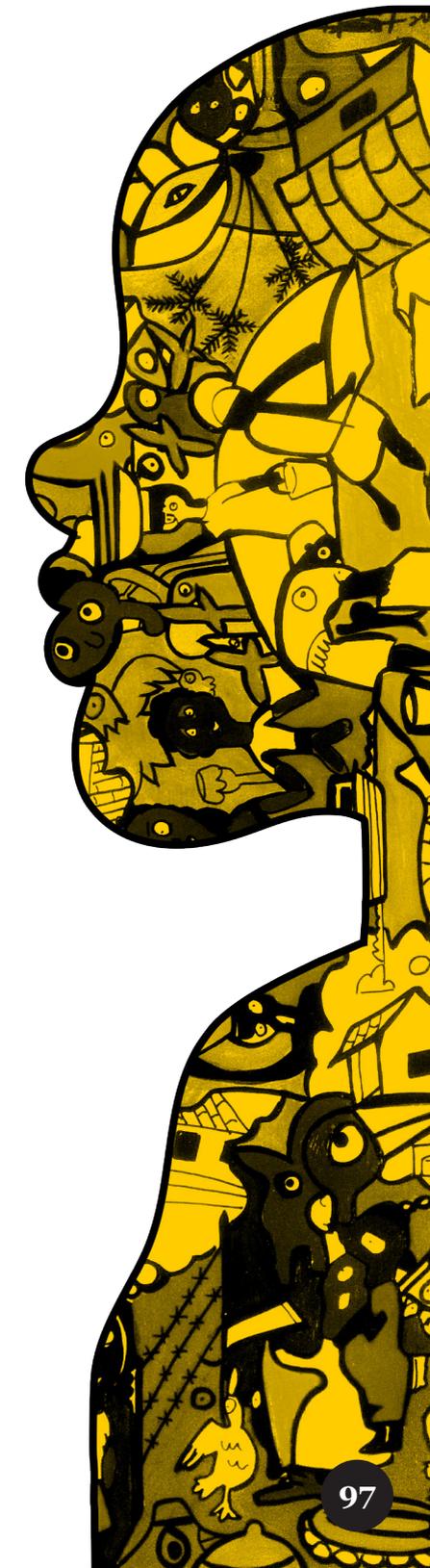
Batalhadora, guerreira.
Uma ser bonita.
Mulher faceira.
Quando me lembro de você
É a primeira que se vê.

Mulher de garra.
Mulher de fé.
Mulher de alma pura,
De uma imensa doçura,
Tu és mulher.

Lutou contra uma doença.
Com bravura
Venceu.

O tamanho da dor
Só sabe quem sente.
A boneca não era de porcelana
A boneca é gente.

Sangue de negra
Forte.
Poderosa.
És uma boneca
De muita sorte.





Antônia Ribeiro

Mulher negra de imenso valor.
Falar de você
Traz um bálsamo
De amor.

Viveu até 98 anos.
Passou por várias gerações,
Trazendo conselho
Trazendo carinho,
Acalmando os corações.

Morou por algum
Tempo numa vila,
Chamado Igarapé do Lago.
Devota de Nossa Senhora da Piedade,
Da Nossa Senhora da Conceição.
Sempre com sorriso e
Alegria no coração.

Marabaixo era sua vida,
Tradição que não
Deixou cair.
Passou de filho para filho.
Agora os netos e os bisnetos
Hão de assumir.

Mulher de um sorriso largo,
Alegre e contagiante
Antonia Ribeiro,
Que viveu o seus encantos.

Mora em outro plano,
Nos braços do senhor.
Mas nos deixou
Demonstrando o que
De mais importante
Era viver em nome do amor.

Vovó Antonia Ribeiro
Partiu nos deixou.
Mas não ficamos tristes,
Pois uma estrela linda
No céu se formou.

Autora: Ísis M. S. Pureza

Mulheres negras

Filomena Moraes

Vou começar falando
De alguém muito especial.
Mulher honesta, de valor.
E de um amor sem igual.

Falo de minha avozinha,
Que desde cedo me ensinou
Muito sobre cozinha,
De fé, de paz e amor.

Trouxe ao mundo nove filhos
E sempre os educou
Com muito amor e carinho,
Nos caminhos do senhor.

Hoje, aos noventa e cinco anos.
Seus cabelos brancos nos dizem
Que seu papel cumpriu, sem danos.
E há quem sempre reafirme.
Que Filomena Moraes:
É mulher de Deus e de paz.

Hilda Maciel

Minha segunda homenageada
Já não está entre nós.
Foi-se tão jovem,
Mas ainda lembramos sua voz.

Sua alegria tão conhecida,
Pois, na casa de seus vizinhos.
Era sempre bem vinda

Ficou viúva tão jovem,
Mas não se deixou abater.
Criou e educou sete filhos
Sem ninguém para lhe socorrer.

Com muito empenho e sacrifício
Construiu a casa dos sonhos.
E mesmo sem ter um ofício (trabalho fixo?)
Sempre obteve seus ganhos.

Foi sempre de enorme coração
E foi justamente esse órgão
Que nos deixou sem chão,
Quando seis anos atrás,
Foi para o céu
Dormiu no senhor e dormiu em paz.





Piedade Lino Videira

Não poderia deixar
De essa mulher homenagear.
De carisma e beleza
Tão vasta é sua grandeza.

Professora Piedade Lino Videira,
Mulher inteligente e guerreira,
Que buscou vencer na vida
Estudando sem medida.

Hoje é Doutora
De ciências e da vida.
É rainha da cultura,
Pois é muito resolvida.

É orgulho, pra muita gente,
Que reconhece bem contente
Sua garra, sua força.
Mulher de fibra e competente.

De seus muitos ensinios
Jamais posso esquecer.
Do amor e respeito
Que sempre devemos ter,
Independentemente da cor, raça ou religião.

Ela vê sempre no outro,
Mais que um ser humano,
Um irmão.

Autora: Joelda Ferreira de Moraes

Historia de mulheres negras que inspiram

Maria Zebina

Zebina, mulher negra pele serena.
Não tem um dia. Tem uma vida,
Uma história, uma cultura, valor e sonho,
De sua nobre origem identitária.

Ela é linda como as tardes de verão.
Seu sorriso e seus cabelos brilham
Quanto a mais bela noite na escuridão

Zebina é sonhadora, gosta daquilo que é,
Sempre que o dia clareia,
Fica sentada em uma cadeira,
Na frente de sua casa, esperando o café.

Ela é uma negra mãe linda,
Cuidadora e amável, para filho e neto.
E com todo esse amor,
Ilumina toda sua casa.

Em sua face, revela sua suave beleza.
O amor pela sua cor
Tudo voa na imaginação,
Buscando alegria e amor.

Em meio à beleza,
O seu olhar é o que mais encanta,
Seus olhos negros brilhantes
Chamamos seus filhos para lhe amar.

Daiane

Day é uma linda mulher negra,
De pele brilhosa, sorriso aberto,
Sabe o que quer.
E não deixa de ser o que é.

Ela é sonhadora, adora cantar,
Viaja mundo a fora.
Na sua imaginação a sonhar,
Com um sorriso a encantar.

Dai, a mulher negra de pele brilhosa,
Balança seu corpo sem parar,
Dança como ninguém,
Aprende o que lhe convém.

A dança a faz flutuar,
Na imaginação de um povo resistente.
Dentro de si, o som na alma negra,
Que nunca desiste de ser feliz.

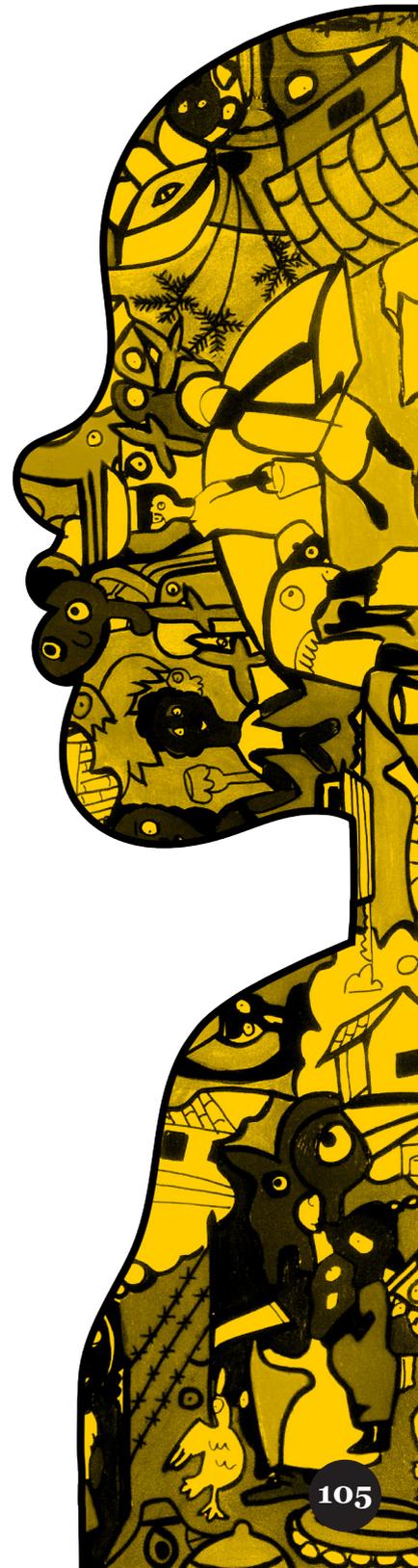
Autor: Josué Ferreira da Silva

Mulheres negras ilustres do estado do Amapá

Gente trabalhadora que fez e continua fazendo parte da cultura e da história de nosso estado.

Negra Raimunda Ramos

Mulher de raça, não há limite para ela,
Que descobriu sua essência e sua liberdade.
Negra dos cabelos crespos,
Que encanta aonde chega com sua experiência,
Mas é guerreira, por ser negra, já lhe faz ser mais forte,
Ser negra é guardar dentro do peito,
O grito da liberdade, sem rancor.





Celestina da Silva Ramos

Negra cujos sonhos permanecem inspirados,
E, buscando igualdade em uma justa nação,
Negra que transforma dor em conforto,
Raça forte, sofrida, que suporta as injustiças da vida,
Raça negra, que acredita que um sonho se constrói.
Que nas lembranças misturam-se dor e esperança.
Negra, em busca incessante da paz tão sonhada.
Filha das matas e cascatas.

Tia Tereza

Com seus encantos melódicos, misturando raça e tradição.
Negra livre para trabalhar e buscar a força,
E a razão que lhe tiraram.
Negra que encontra suas origens nos laços de suas famílias.
Negra, que com sua sabedoria tem poder da cura,
Através das plantas medicinais.
Negra que sonha e luta, mas nada foi em vão longe de sua nação.
Negra em seus cantos e encantos.
Encanta a todos, é guerreira. Por ser negra, já se faz forte.
Sua liberdade alimenta desejo e,
Estimula a paixão e a tradição,
Por uma luta de coração.

Autor: Luiz Carlos de Castro de Souza

Cidadãs negras brasileiras

Do Pará para o Amapá, mudança necessária mais muito abençoada.

Sou carinhosamente conhecida como dona Maria ou dona Assunção, mulher forte, mulher guerreira dona de um nobre coração.

Nascida e criada no município de Curalinho no Pará, sem perspectiva de vida lá vim depressa pra cá.

Há 32 anos estou aqui no Amapá, terra que aprendi a amar e onde não demorei a casar. Aqui fiz de tudo para garantir, junto com meu marido, o sustento dos meus seis filhos. Lavei, passei, limpei e cozinhei.

Assim como recebi dos meus pais uma boa educação, sempre dei aos meus filhos uma boa criação. Sou cozinheira de mão cheia, da lasanha à macaxeira. Sou vendedora, sou ambulante. Todos repetem meu lanche.

Só tenho a agradecer a Deus por me trazer para Mazagão, terra abençoada de muita tradição. Nesta terra, conheci e conheço muita gente, de tantas conheço algumas que conhecem as plantas. Elas me repassaram muitos ensinamentos, dentre os quais aprendi alguns medicamentos. Mas esses que conheço não têm preço. Não são laboratoriais, nós os encontramos nos quintais. Se você ficar doente, conte com a gente. Se passar mal, tome remédio natural.

Essa é a história de vida de dona Maria Assunção de Souza Santos, evangélica, 69 anos, casada, oito filhos e 11 netos. Cidadã negra brasileira.

Mulher polivalente

Vou contar a história de uma pessoa muito especial para mim: a minha avó/avô.

Meu pai é o caçula de oito irmãos. Assim que ele nasceu seu pai morreu e ele não teve a oportunidade de vê-lo nem por fotografia, pois no seu tempo isso não era muito comum.

Desse momento em diante, minha vó Belmira se desdobrou para criar seus filhos, se tornando mãe/pai deles todos.

Todos os dias ela acordava cedo, fazia o café, arrumava os filhos para irem à escola e partia para a roça. Antes do meio dia ela já estava em casa preparando o almoço, limpando a casa e aprontando os filhos que estudavam à tarde. Depois disso, voltava para a roça, calça comprida, camisa longa, bota nos pés, chapéu de palha na cabeça, terçado na cintura e paneiro nas mãos.

Antes de anoitecer chegava em casa. Fazia o jantar, colocava todo mundo para tomar banho, jantavam, auxiliava as crianças nas atividades de casa depois os colocava para dormir. Quando todos estavam deitados ela começava a lavar e costurar roupas e organizar tudo para o dia seguinte.

Minha vó, quando não ia para a roça, saía bem cedo para vender ou trocar seus produtos, pois era desse modo que garantia o sustento dos seus filhos. Era essa a rotina de dona Belmira, assim seus filhos nunca passaram fome, não tiveram





luxo, mas aprenderam a valorizar tudo o que tinham.

Católica, antes de partir desse mundo, viu que seus esforços não foram em vão. Seus filhos se tornaram cidadãos de bem. Homens e mulheres humildes e de muito valor, trabalhadores honestos, como sempre os ensinou a ser. Assim criou seus filhos minha vó/avó.

Essa é a história de dona Belmira Assunção Nunes, católica, cidadã negra brasileira, já falecida. Deixou um legado muito importante para a família Nunes. “Ter fé, trabalhar duro, ser honesto e vencer por seus méritos”.

Aprendi com a mamãe!

A história a ser contada é de dona Benedita Tavares dos Santos, a dona Biló, setenta anos, nascida no Rio Preto, comunidade do município de Mazagão/AP, mas que já mora há vinte anos na sede de Mazagão. Ela deu à luz sete filhos, e no momento possui mais de sessenta netos, vinte bisnetos e dois tataranetos.

Decidi homenageá-la, contar sua história porque ela é um ícone da sociedade mazaganense. Ela é uma pessoa muito importante, mas vive no anonimato e sem nenhum reconhecimento, assim como a maioria dos sábios como ela.

A partir de agora conto-lhes sua história com suas próprias palavras: “As mulheres do meu tempo tinham esse costume de aprender e dar continuidade ao trabalho de suas mães”. Eu aprendi com a minha mãe a trazer crianças ao mundo ou como falamos no linguajar das parteiras tradicionais: “nós pegamos crianças”.

Minha mãe pegou os sete filhos; eu mesma já peguei e ajudei a pegar mais de mil, dentre elas, meus netos e bisnetos.

É um trabalho voluntário, mas muito gratificante, ainda mais que “não perdi nenhuma criança”. Sinto-me abençoada pelo que faço; “além de pegar criança minha mãe me ensinou a puxar” (ela se refere a massagens curativas); “Sou parteira e puxadeira, mas por conta de uma doença na vista, perdi parte da visão, não faço mais partos. Meus filhos não deixam... por

mim faria, sei que dou conta, ainda”.

“Faz mais de um ano que não pego crianças, mas tenho puxado muita gente. Quando faço isso me sinto muito bem, me sinto útil, me sinto importante, me sinto abençoada em fazer o bem”.

Benedita Tavares dos Santos, dona Biló, 78 anos, cidadã negra brasileira.

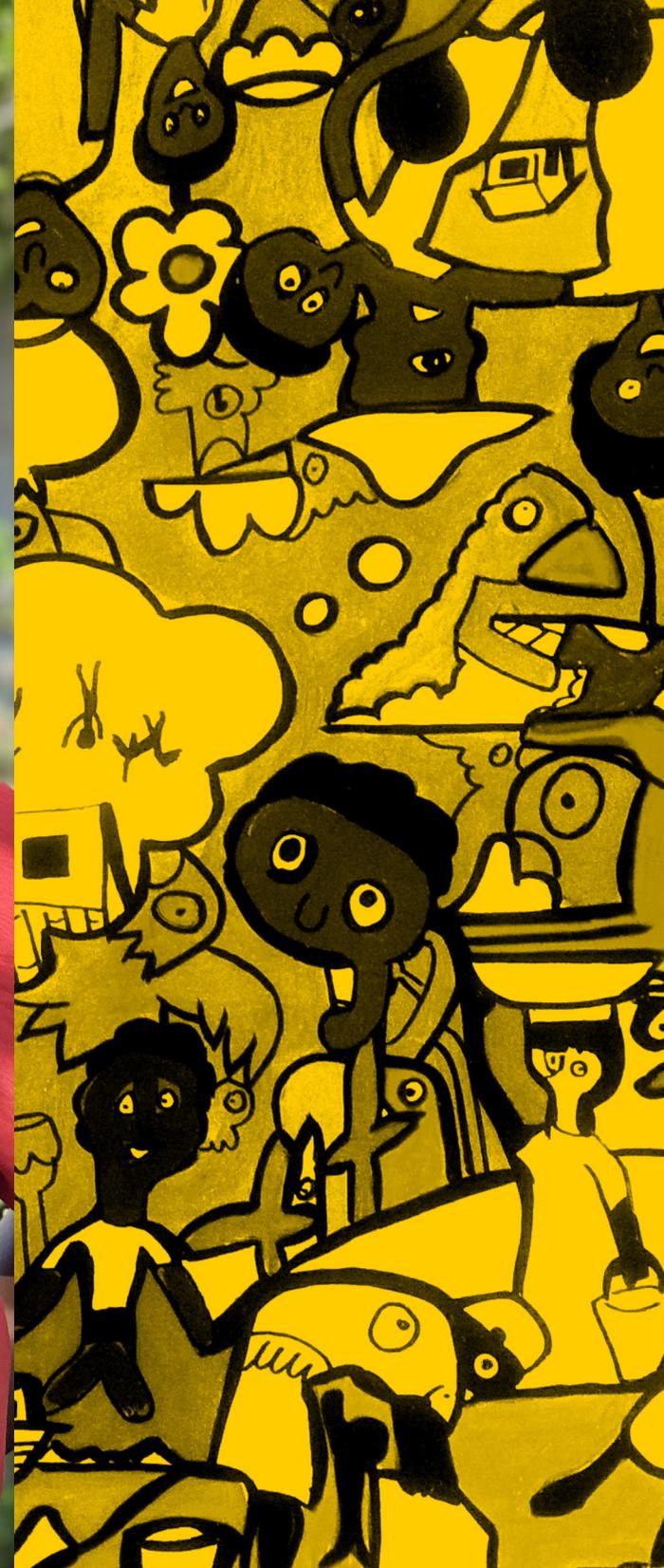
Autor: Márcio Lenno Figueiredo Nunes





CAPITULO 3
**MULHERES NEGRAS:
SENHORAS DAS ENCANTARIAS**

Jéssica Thaís é atriz, poeta, dramaturga, performer, produtora cultural, arte-educadora, acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá, pesquisadora do Teatro Negro, Dramaturgias Amapaenses e as intersecções do Teatro e Educação. Em solos tucujus se entendeu por gente, se descobriu amapaense. Em 2012, aos 15 anos, descobriu a paixão pelas artes da cena numa oficina de Teatro e Cinema, que deu vida aos seu primeiro trabalho audiovisual o Curta- Metragem 'Ainda Vou te Ouvir Cantar', daí em diante não parou mais, passando por diversas companhias de teatro no Amapá, até ingressar no curso de licenciatura em Teatro na UNIFAP em 2019, onde a partir de suas pesquisas fundou junto com Daniela Aires e Juliane Pantaleão o Grupo de Teatro Experimental Andirobas, para aprofundar suas pesquisas e trabalhos no Teatro Negro Amapaense Feminino. Na Literatura, iniciou seus trabalhos profissionalmente em 2016, com o projeto "Uma Poesia que Vi Por Aí", que consistia em pregar lambes de Poesia em diversos pontos da cidade, o projeto se espalhou por várias partes do Brasil. Durante a pandemia produziu uma série de VideoPoesias, compartilhadas em suas redes sociais e em 2023, ficou em terceira colocação no Concurso de Poemas do Festival Literário de Macapá (FLIMAC), com o Poema intitulado "A Voz do Rio", que deu origem a performance poética de mesmo nome, que vem circulando em vários eventos de literatura pela estado do Amapá.



A MENINA DOS OLHOS DO RIO

É feita de água e de sonhos
A menina dos olhos do rio,
Festeja seus dotes e santos,
Ressoando os sons ancestrais
Dessa pátria que lhe pariu.

Pátria desalmada, arrancada de seus filhos
Mergulhada em novas cores,
Do vermelho urucum ao vermelho sangue,
Do preto genipapo ao preto escravizado,
Do branco barro ao branco europeu
Transformando tudo em solos seus.

E a menina dos olhos do rio
Foi despida de sua nudez
E coberta de adornos embainhados de dores e lágrimas
E ainda assim dançou, se fez roda e girou girou ...
Arrastando as correntes dos pretos que aqui choraram,
Carregando em seu festejo as angústias de sua história
entrecortada
Por lançantes de rios e cortes de faca.

Dançou, dançou, mar abaixo se lançou,
Para sobreviver as heresias do tal senhor
Que a abusou, dizendo ser cristão,
Saqueou, roubou, dominou, tomou a identidade da
menina, mas tudo de bom coração.
Cobrinde-lhe de adereços de catequização
E dos tecidos brancos da colonização.

A menina dos olhos do rio
Chorou, chorou ...
De tanto chorar, inundou tudo ao seu redor,
Se fez ilha, se fez chuva, e até hoje murmura
No colo das benzedadeiras, nos ladrões de marabaixo
O desespero por sua cura,
A retomada de suas cores
E o reconhecimento de sua luta.

Jéssica Thaís



Exemplo de mulheres negras

Antônia da Piedade Borges da Cruz

Nascida no dia dos festejos em Nossa Senhora da Piedade; por isso o nome Piedade, mãe de 11 filhos de um único casamento; negra de mistura cabocla e negro africano; exemplo de mulher guerreira. Não dá para esconder seu espírito de bondade, principalmente quando se trata de ajudar seus filhos nas suas necessidades; mulher batalhadora, de um grande coração. Funcionária pública municipal, educou seus filhos com muita determinação, tendo hoje todos criados “com a benção divina”: homens e mulheres profissionais que lhe deram 78 netos e quatorze bisnetos.

- Só tenho a agradecer a Deus por ela ser minha mãe.

Tia Raimunda Queiroz

Mulher de garra; devota de São Tiago, São Jorge, Nossa Senhora da Piedade, São Benedito e todos aqueles santos que a gente conhece e os que a gente não conhece: religiosa por devoção. Nascida na queimada (distrito do Carvão, município de Mazagão), mãe de dez filhos, mudou-se para Mazagão velho onde firmou raízes e parentescos de raízes africanas e sua descendência. Tia Queiroz, como é conhecida, é muito religiosa, sabe rezar em “latim” e passa para seus netos amor, paz e tudo que há de bom.

Dona Crezolina Belo de Souza

Conhecida como dona Creuza, parteira curiosa e profissional com mais de dois mil partos feitos em Mazagão. Mulher amiga, solidária, gosta de ajudar as pessoas, mãe de quatro filhos. Hoje já aposentada como funcionária pública federal, ainda faz partos, quando chamada.- Exemplo de mulher.

Autor: Raimundo Borges da Cruz (in memoriam)

Mulheres negras de garra e vigor

Minha querida Laura

Laura Pinheiro da Silva
Na década de vinte nasceu,
Teve treze filhos dos quais
Apenas sete viveram.

Laura viveu oitenta e nove anos
Com muita garra e vigor.
Tinha uma vida simples
Mas cheia de amor.

Como profissão muito digna
Trabalhava como agricultora
E também como parteira
De sua época, era doutora.

Casou-se com Jaime Brito
Seu único e grande amor,
Que por cinquenta anos esteve ao seu lado,
Mas que primeiro o senhor levou.

Nasceu e viveu em Calçoene,
Estado do Amapá.
Tinha orgulho de ser negra,
Mulher que sempre soube amar.
Seus princípios nos ensinava:
A honestidade e o perdão,
O respeito pelo próximo,
O amor no coração.



Rainha do Sairé

Não basta que seja ela pura e justa
Tem que ser negra, guerreira e sonhadora.
Mulher de pureza e fibra. Esta é Maria, Maria justa.
Minha querida avó, pele escura, voz de veludo e vencedora.

Para alguns figura folclórica,
Guardiã e saraipora da cultura de seu povo.
Nunca negou suas raízes, sua ascendência escravizada.
Defendeu seus ideais, sua família e suas crenças.

Maria Justa, doceira de mão cheia,
Anfitriã da casa do artesão,
Sua banca na praça, o melhor tacacá da região,
Tia Maria, para os próximos, uma negra de grande coração.

Nas procissões ela carregava a simbologia cristã,
Da maior festa religiosa da qual era guardiã.
Mulher desorrisofácil, de uma alegria e carisma incomparáveis,
Lutou para ver seus sonhos realizados.

O conhecimento liberta

Gisele Rodrigues nasceu no município de Curuçá, que fica ao sul do estado do Pará, filha de Raimunda das Marcês Nogueira Ramos e de Genézio de Souza Ramos. Desde cedo teve que enfrentar muitas dificuldades na vida junto com sua família. Filha mais velha dos sete irmãos, com apenas três anos de idade mudou-se com seus pais para o interior de Belém, em busca de melhores condições de vida.

Sua mãe com a quinta série primária já trabalhava como professora, alfabetizando crianças, para poder sustentar a família. Como era muito esforçada terminou o primeiro grau, juntamente com um curso técnico de enfermagem. Já seu pai era caminhoneiro, porém, aposentou-se como carpinteiro na construção civil.

Para conseguir sua primeira casa própria, sua mãe se desdobrava em dois empregos e com muita determinação conseguiu sair do aluguel, onde morou por muitos anos. Essa conquista foi considerada um grande sonho que se realizou.

Um sério problema que Gisele enfrentou desde pequena foi o preconceito racial, pois era pobre e, principalmente, negra. Sofreu diversos tipos de bullying. Mas nunca se deixou abater ao ponto de não acreditar que a vida valia a pena. Casou-se aos dezoito anos, teve dois filhos, um dos quais também passou por problema de preconceito na escola.

Mesmo depois de capacitada para determinados cargos, não conseguia vaga, pelo fato de ser negra. Essa situação de alguma forma fez com que ela sem perceber começasse a se

tornar também racista em relação às pessoas brancas.

Apesar de tantos sofrimentos e angústias, Gisele conseguiu superar esses problemas, porque sempre foi uma pessoa guerreira e sonhadora, que não desiste de lutar pelos seus ideais; acredita no amor entre os povos e que todos podem ser amados independentemente de sua cor, religião ou classe social.

Hoje aos quarenta e quatro anos, formada em História, ama trabalhar com a alfabetização e ensina seus alunos que o conhecimento pode libertar o homem de sua ignorância.

Autora: Rejane Brito Corrêa

Negra guerreira

Irmã querida, nascida
no Amapá, sangue que corre
em suas veias de mulher
guerreira.

Lutou sozinha
Para criar sua filha,
Sem apoio do pai de sua cria,
Porém com amor e dedicação
de sua família.

É uma irmã de caráter maravilhoso,
De uma amizade forte.
Somos assim.
Vivi por eles e eles vivem por mim.

Sua vida não foi fácil,
Como para muitos os dias também não o são.
Sem apoio financeiro,
mas com muito amor no coração.

Mulher negra, guerreira.
Linda, amada.
Vive a sua vida
Com muita garra.

Hoje, apesar do que passou,
Agradece a Deus
Pela vida que levou.
Com muita batalha
Seu sonho realizou,
Professora se formou.



Mãe

Seu nome é Carmem Silva Alcântara,
57 anos,
Não tem conhecimento de escola,
mas tem conhecimento de vida.

Mulher forte, independente.
Ficou sozinha aos 40 anos de vida.
Separou-se de meu pai,
Mas não desistiu da vida.

Criou seus filhos sozinha,
Na dura caminhada.
Com muita dificuldade
Superou tudo, sozinha.

É difícil falar dessa mulher tão amada.
Que mostrou para a família
Que ninguém está sozinho
Com força, deu a volta por cima.

Criou Leonardo, Rosiane e Rosinete.
Com orgulho no peito diz: " Todos
formados, trabalhando e empregados".

Há pouco teve mais um, Liandra,
Também muito amada, de um esposo murmurado.

Minha mãe sofreu como muitas,
Mas venceu como poucas,
Filhos, não abandonou nenhum.

Mulher negra
Sente o dobro da dor
Luta para sobreviver,
Mais tem seu valor.

Minha vovó

Minha vovó linda
Ainda viva,
Mulher negra 78 anos,
Respeito e reverência.
Viveu em fazenda,
Trabalhou como cozinheira,
Foi empregada doméstica,
Para ajudar sua família
A sobreviver nessa cruel vida.

Por ser guerreira,
Por ser mulher,
Já me faz um pouco mais forte.
Por ser negra e também
Por ser pobre.

Nunca desistiu de buscar
O seu lugar nessa terra,
Mesmo sem estudo.
Com imenso carinho,
Cuida, hoje, de seu netinho.

Minha pele, minha boca,
Meus cabelos, hoje valorizados.
Nunca mais estarei sozinha,
Pois na minha vida,
Passa a minha avozinha...



Quero lhe agradecer
Por me mostrar
Como ser essa mulher,
Que honra sua raça
E não esconde o seu encanto.

Minha vizinha carrega
A essência e a energia
De brava e guerreira,
Que batalhou pela sua vida.

Autora: Roseane Alcântara de Deus

Plantando e colhendo com mulheres negras

Maria Dias

É a flor mais singela de todos os jardins,
Muito mais que flor, é negra, mãe.
E foi filha criada por pai e madrasta.
Casou-se muito nova, para ter sua própria roça.
Seus filhos foram criados com toda dedicação,
Plantando e colhendo para dar-lhes o pão.

Maria Dias foi tão sofrida...
Com garra e perseverança
Chegaste ao topo maior,
Não foi uma separação,
Não foi um divórcio
Que te fez cair!

Foi essa garra de vencer,
E de ser mulher respeitada entre todas elas
Que te fez como você é:
MARIA
Nome santificado, digno de ti,
Acredito, MARIA, que hoje és realizada.

Dançou batuque e marabaixo, entrando para a irmandade,



Sempre louvando seu santo de devoção,
Pois graças alcançou.
Bendizando a São Benedito,
Nunca na pedra foste colocada,
Pois era sempre dedicada!
MARIA, quão doce ternura,
Quão frágil seu corpo está,
Pois a colher não consegue pegar.
Mas é minha eterna rainha,
Com semblante de negra menina!

Raimunda Queiroz

Oh! Queiroz, negra mulher...
Sábia de conhecimentos,
Suas histórias ainda permanecem em cada memória.

Oh! Queiroz, quanta fé deslumbra teu coração,
Quanta devoção pelos seus santos,
Assim, Queiroz, é sua intenção:
Santo Antônio, São Tiago, imaculado coração de Maria,
E todos os santos...

Ainda sinto o clamor dessa fé,
Quando as ladainhas são feitas pelos teus lábios negros!
Oh! Queiroz, sua sabedoria me deixa radiante,
Foste conselheira, parteira, curandeira e puxadeira,

Quão grande inteligência sem sequer ter passado.
No banco da escola,
Queiroz, hoje sem visão,
Conhece só de tocar seus santos de devoção.
Amparada pelas filhas,
Que seguem a mesma tradição,
Festejam em sua nobre casinha,
Louvores a São Benedito e São Sebastião,
Seus santos de devoção.

Convidando sempre todos os mazaganenses
Para dançar, beber, comer e cantar.
Os batuques e marabaixos dessa festividade!



Rozicema da Penha Viana
Assim és CEMA, carinhosamente chamada,
Tens um dom tão grande, sabes onde coloca a espada,
Teu semblante emociona as figuras
Por ti arrumadas,
Seja glorioso, seja São Jorge
Ou até mesmo o menino de tão
Majestosa caldeirinha.

Ao longo de toda sua existência,
Sempre teve paciência...
As figuras dessa festa,
Pelas tuas mãos fez nascer!

Mulher que todas conhecem e admiram,
Na vila trabalhou com sua mãe,
Tia Iracema, dela quem herdou,
Todas as maravilhas dessa grande fé!

Hoje se encontra sem sua visão,
Culpa da maldita diabete.
Mas... Suas mãos permanecem
Livres para suas figuras arrumar...

Pode até não enxergar...
Mas sabe onde colocar!

Autora: Rosiane Dias de Castro

Mulheres negras poderosas

Vera Nunes

A mulher é mesmo interessante:
Mesmo brava, é linda.
Mesmo alegre, chora.
Mesmo tímida, comemora.
Mesmo apaixonada, ignora.
Mesmo frágil, é poderosa!
E com esse poder segue nossas culturas,
Com nossas raças, desenvolvuras!





Raimunda Queiroz

Mulher forte, guerreira,
Mesmo faltando a vista, nos ajuda na benzedeira!

Maria Flor (Dona flor)

Mulher cristã, um instrumento na mão de Deus!
Um símbolo de amor para seus.
Uma professora sem restrições!
Uma coordenadora da sociedade, das nações.
Enigma inesgotável e forte, a escultora de atos nobres, de toda sorte.
Mulher cristã, a ternura que envolve a criança.
Que envolve a vida do jovem, com segurança.

Autora: Rosidalva Silva e Silva

Poetizando a vida de mulheres negras

Dona Osvaldina

Osvaldina dos Prazeres Nunes é amapaense, nasceu no dia quatorze de novembro de 1954, na comunidade de São Pedro dos Bois, distrito de Macapá. Casou-se com dezenove anos com Pedro Nunes. Do casamento difícil nasceram cinco filhos. Passou por grandes dificuldades, pois seu esposo viajava para trabalhar em Caiene, cidade francesa, limite norte com o Estado do Amapá. Muitas vezes passou fome, deixou de comer para dar algo aos filhos; relatou que, por vezes, algumas pessoas pediam um de seus filhos para adoção, porém, Dona Osvaldina nunca os deu a ninguém, criou todos os filhos com suor de seu trabalho, pois o esposo ausente não dava assistência aos filhos. Trabalhou de doméstica em casas de família. Prestou serviço no Ex-território, hoje ela é funcionária federal na Secretaria de Educação. Mas também para ter este emprego, relatou também que muitas vezes fazia longas caminhadas para chegar ao trabalho e voltar para casa.

Poeta de mão cheia, gosta de ir à missa todas as quintas-feiras, na Igreja Jesus de Nazaré. Por tudo o que passou na vida, nunca se afastou de sua fé e sua cultura. Ama ser como é e sempre está inserida na atualidade. Hoje em dia é graduada e é uma grande administradora na área da educação. É honesta, sincera em suas palavras, por mais que

a verdade venha trazer dor, ela sempre diz que não tem “nada a esconder”.

Mulher admirável é essa! Com ela aprendi a valorizar o meu trabalho e não desistir dos meus sonhos. Conviver com a Dona Osvaldina é um privilégio, mesmo sendo desvalorizada por muitos.

Com ela aprendi a ser gente, ser mãe, ser mulher, a ser trabalhadora.



Um talento

No que pensar?
O que saber?
Quando penso em mulheres maravilhosas?
Quando penso em mulheres guerreiras?
Mulheres talentosas,
Mulheres que mudaram o rumo da história.

Artistas? Cantoras? Atrizes?
Penso logo em Madonna, Xuxa...
Por que não pensar em divas negras como Donna Summer?
Whitney Houston?
Ah! Que mulheres talentosas! Referências para mim.
As divas negras que marcaram história.
Também sou negra como elas!
Na minha vida
Existe uma negra
Que teve seu talento não reconhecido,
Mas quem conhece sabe
Uma poetisa de mão cheia,
Sem “famosidade” alheia.
Dona Osvaldina
Quilombola.

Autora: Sarah Barbosa da Silva Amaral Nunes





REFERÊNCIAS



ADICHIE, Chimamanda Ngozie. O perigo de uma história única. Tradução Julia Romeo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. Memória e história: pedagogia de resgate das canoas. In: Anais do 3º Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina. Simpósio Temático Memórias, narrativas e saberes tradicionais: experiências, territorialidades e visibilidades de Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Universidade de Brasília, ST 32, 2019, p. 1-19.

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. (Re)construindo caminhos e histórias de vida de mulheres negras da Vila do Carmo do Macacoari – Amapá. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais). Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Pedagogia das canoas: memórias e histórias das mulheres negras da vila do Carmo do Macacoari-AP. *Práxis Educacional*, [S. l.], v. 16, n. 42, 2020, p. 362-381.

ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário; MALCHER, Maria Albenize Farias; BENTES, Raimunda Nilma de Melo. Faces da Luta das Mulheres Negras da Amazônia. In: SILVA, Carmen (org.). *Mulheres negras e populares do Norte e Nordeste: experiências que se entrelaçam*. Salvador: Cese/SOS Corpo, 2018, p. 45-63.

BÂ, Hampaté Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África*. 2. ed. Brasília: Unesco/Secad/MEC/UFSCar, 2010, cap. 8, p. 167-212.

BENTES, Raimunda Nilma de Melo. *Negritando*. Belém: Graffite, 1993.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres. Tia Rossilda Joaquina. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). *Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos*. Macapá: Unifap, 2019, p. 125.

BRANDÃO, Ana Paula (org.). *Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, v. 4. (A cor da cultura).

BRASIL. Ministério da Educação Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União, Poder Legislativo*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação Lei nº 11.645, 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Decreto nº. 4.887, de 20 de dezembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: MEC/Secad, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira*. Brasília, 2004.

BRASIL, Revista Palmares. *Cultura afro-brasileira – Centenários Negros*. Ano X, edição 08- Novembro, 2014.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas v. I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. *Mulheres negras amazônidas frente à cidade morena: o lugar da Psicologia, os territórios de resistência*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.

CONRADO, Mônica Prates. O protagonismo de mulheres negras. In: CONRADO, Mônica Prates et al. *Interseções entre raça, gênero, sexualidade, meio ambiente e políticas públicas*. Belém: Grupo Nós Mulheres, 2012, p. 22-27.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Africanidade, afrodescendência e Educação. Educação em debate. Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, 2001.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; SOUZA, Silvaney Rubens Alves de; ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. História, cultura e identidade: olhares sobre comunidades quilombolas no estado do Amapá. Projeto História, São Paulo, v. 66, set.-dez. 2019, p. 220-254.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA SILVA, Nelson Fernando Inocêncio. Relações raciais e implicações estéticas. In: OLIVEIRA, Dijaci David de et al. (org.). 50 anos depois: relações raciais e grupos socialmente segregados. Brasília: Movimento Nacional de Direitos Humanos, 1999.

EVARISTO, Conceição: Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. Nexu Jornal, [S. l.], 26 de maio de 2017.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREITAS, Sandro Moraes. As três mulheres negras que contribuíram em minha vida. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSECA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 37-39.

FOSTER, Eugénia da Luz Silva. Garimpando pistas para desmontar racismos e potencializar movimentos instituintes na escola. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2015.

GOMES, Flávio dos Santos; QUEIROZ, Jonas Marçal de. Em Outras Margens: Escravidão africana, fronteiras e etnicidade na Amazônia. In: GOMES, Flávio dos Santos; DEL PRIORI, Mary. (orgs.). Os senhores dos rios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

GOMES, Flávio dos Santos. Nas fronteiras da liberdade: mocambos, fugitivos e protesto na Amazônia colonial. Anais do Arquivo Público do Pará, Belém: Apep, v. 2, t.1, 1996, p. 125-152.

GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato

negro no Brasil. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, v. 4, 2010, p. 19-25. (A cor da cultura). bell hooks. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HASENBALG, Carlos A. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Belo Horizonte: Edições Graal, 1979.

LARA, Silvia Hunold. Trabalhadores escravos. Trabalhadores, Campinas, n. 1, 1989, p. 4-19.

MACHADO, Joana Carmen do Nascimento. Poder, organização política e pedagogias ocultos-presentes de mulheres negras do território quilombola do rio Jambuaçu-Moju/PA. Tese (Doutorado em Educação). Belém: Universidade Federal do Pará, 2019.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1992.

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. História, memória e poder feminino em povoados amazônicos. In: Anais Eletrônicos - Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro- IFCS - IH, 2012, p. 1-10.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo [online], v. 11, n. 22, 2007, p. 5-30.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.



SALLES, Vicente. O negro no Pará. 2. ed. Belém: Brasília: Ministério da Cultura, 1989.

SILVA. A. C. A discriminação do negro no livro didático. Salvador: Edufba, 2001.

SILVA, Francisca de Jesus Maciel da. As três Marias. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 44-45.

SILVA, Ivadileide Ferreira. A negra cor de ameixa. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 40.

SILVA, Laura Cristina da. Laura Cristina da Silva. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 117-119.

SILVA, Telam Rute F. As grandes mulheres negras da História do Brasil. O primeiro “doutô” da região. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 85-89.

SILVA, Telam Rute F. As grandes mulheres negras da História do Brasil. Morre Castorina, a mais famosa “benzedeira” do Amapá. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 85-89.

SOARES, Joana Pessoa. Venina senhora menina. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 100.

TRINDADE, Azoilda Loreto da. Percurso Metodológico. In: BRANDÃO, Ana Paula (org.). Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010, p. 13-18. v. 4. (A cor da cultura).

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo, dança afrodescendente : significando a identidade

étnica do negro amapaense- 2 ed.- Curitiba: Brazil Publishing, 2020. [recurso eletrônico] 16op.: il.; ISBN 978-65-50163-79-2

VIDEIRA, Maria da Conceição Lino. Eu não fumo só. In: VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019, p. 131-134.

VIDEIRA, Piedade Lino; FERREIRA, Norma Iracema de Barros; FONSÊCA, Kátia de Nazaré Santos (orgs.). Mulheres negras: fortalezas tecidas de dores, resistências e afetos. Macapá: Unifap, 2019.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

WALSH, Catherine. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. In: WALSH, Catherine (ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Quito: Editorial Abya-Yala, 2017, p. 23-68. Tomo 1. (Série Pensamiento decolonial).



**SOBRE A EQUIPE DE
PRODUÇÃO DA OBRA**



PIEIDADE LINO VIDEIRA

Organização e Revisão de Língua Portuguesa / ABNT

Sou Mulher Negra, dançadeira de Batuque e Marabaixo, idealizadora da Companhia de Dança Afro Baraka (fundada em 30 de agosto de 2000). Graduada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Psicopedagoga, pela Faculdade de Macapá (FAMA). Mestre e Doutora em Educação Brasileira, pelo Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/UFC). Eixo Temático de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Linha teórica: Sociopoética, Cultura e Relações Étnico-Raciais. Professora Adjunta/UNIFAP, lotada no Curso de Pedagogia. Integro o Corpo Docente do Mestrado em Educação (PPGED/UNIFAP). Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais, com ênfase em Educação Quilombola, certificado pelo CNPq. Atuo nas áreas de: Arte/Educação; Educação, Cultura e Identidade Étnica; Relações Étnico-Raciais com ênfase em Educação Quilombola. Estou Coordenadora Geral do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB/UNIFAP. Sou autora dos livros: Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009, bem como de Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012. Sou membro da Academia Amapaense de Letras do Estado do Amapá (AAL/AP).

AFRANE FERREIRA TÁVORA

Ilustração de Capa

Bacharel/licenciado em História - Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Artista plástico e ilustrador. Iniciou sua carreira artística como voluntário na Biblioteca Pública Estadual Elci Lacerda, onde foi convidado para representar o Brasil na Guiana Francesa, no evento Dia Brasil. Possui diversos trabalhos publicados em sua área de formação.





KLEWERTON RÉGYS DA SILVA RODRIGUES

Design de Capa e Editoração Gráfica:

Mestrando em Bens Culturais e Projetos Sociais - Fundação Getúlio Vargas/2025. Especialista em Design, Computação Gráfica e Multimídia - Instituto de Educação Superior da Amazônia/2013. Graduado em Tecnologia em Design Gráfico - Faculdade Ipiranga/2012.

Servidor efetivo da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) desde 2014, exercendo o cargo de Analista em Design. Chefe da Unidade de Ações Culturais na Pró-Reitoria de Extensão da UEAP. Exerce a função de Designer e Editor Gráfico no intitulado Projeto Tenda educativa de jogos: brincar e aprender com a luz. Membro dos Grupos de Pesquisa Ludicidade, Inclusão e Saúde (LIS), bem como do Grupo de Integração Socioambiental e Educacional (GISAE). Vice-coordenador do Programa de Extensão Vozes das Juventudes da Amazônia.

NORMA-IRACEMA DE BARROS FERREIRA

Revisão de Língua Portuguesa / ABNT

Doutora em Educação Escolar - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho / UNESP. Mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ). Graduada em Psicologia e em História - Universidade Federal do Pará/ UFPA. Professora Associado IV - UNIFAP, vinculada ao Curso de Graduação em Pedagogia.

Atuou como docente do Mestrado em Desenvolvimento Regional/UNIFAP e atualmente é membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIFAP. É autora e coautora de artigos científicos e organizadora de livros acadêmicos que tratam sobre educação. Desenvolve estudos e pesquisas sobre História da Educação, privatismo da educação pública, políticas públicas e gestão educacional. Coordena o Grupo de Pesquisa História, Política e Gestão Educacional (HPGED).





DORINHA PREGO

Revisão de Língua Portuguesa

Professora Dorinha Prego, nome de registro Maria das Dores Araújo Prego: Professora de Língua Portuguesa, mestre, documentarista, cronista, poeta, pesquisadora das causas afrodescendentes, ativista no combate ao preconceito.

OSMANDO JESUS BRASILEIRO

Revisão de Língua Portuguesa

Doutor em Letras UniRitter/UCS (2019); Mestre em Letras UniRitter (2014); Especialização em História: Cultura Urbana e Memória, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - 2006); Especialista em Novas Metodologias e Novas Abordagens para o Ensino da Língua Materna, pela Faculdade Atual (FAAT - 2010); Licenciatura Plena em Letras: Habilitações em Português/Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB 2004); Atualmente é Professor da Rede Estadual de Ensino do Amapá GEA, foi professor do curso de Letras da Faculdade de Macapá - FAMA, na qual lecionou as disciplinas: Literaturas Brasileira e Portuguesa, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura, Metodologia Científica dentre outras (2009-2012 e agosto de 2015 a julho de 2020). Foi membro do grupo de Estudos Osmanianos do UniRitter e do Clube de Leitura de Literaturas africanas e indígenas da PUCRS (2014). Atuou como Professor Substituto de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP - de outubro de 2016 a março de 2017. Professor temporário da Universidade do Estado do Amapá-UEAP, de 2022 a 2024, aprovado para professor substituto UNIFAP para 2025.



